

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

MAIARA SANTOS NERÍS

**Limites e possibilidades do ativismo digital étnico-racial na  
criação de conteúdo**

**São Paulo**

**2022**

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E  
COMUNICAÇÃO

**Limites e possibilidades do ativismo digital étnico-racial na  
criação de conteúdo**

Maiara Santos Nerís

Trabalho de conclusão de curso apresentado como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Especialista em Cultura, Educação e Relações  
Étnico-Raciais.

**Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira**

São Paulo

2022

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer a minha mãe Mônica e meu pai Jackson, em especial minha mãe, que durante esse período pandêmico, que nos trouxe tantas questões externas e objetivas quanto internas e subjetivas, me apoiou e incentivou a concluir mais essa etapa da minha trajetória em momentos de muitas dificuldades. Também agradeço ao Prof. Dr. Dennis de Oliveira pelos apontamentos e direcionamentos nos momentos de conflitos com a minha pesquisa (em que eu pensava “caos e desespero”), com os quais aprendi e continuo aprendendo a desconstruí percepções, assim como acrescentar e construir novas em relação ao processo de construção do pensamento.

Por fim, agradeço a todos(as) os(as) nossos(as) professores, que nos apresentaram um novo olhar para pontos importantes, nos trazendo não só instigação como esclarecimento, ou melhor, escurecimento para questões que transpassam nossas vidas pessoais, profissionais e acadêmicas enquanto indivíduos e pessoas negras em uma sociedade estruturalmente violenta e opressora as nossas existências. Instigações e escurecimentos estes que nos deixam em alerta para os problemas sistêmicos enraizados, mas também para pensar possibilidades de enfrentamento.

Gratidão a todos(as).

# LIMITES E POSSIBILIDADES DO ATIVISMO DIGITAL ÉTNICO-RACIAL NA CRIAÇÃO DE CONTEÚDO<sup>1</sup>

Maiara Santos Neris<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo identificar possibilidades e barreiras para atuação de organizações e indivíduos negros, em prol de suas lutas, por meio de mídias sociais. Com base em teóricos que abordam Internet, ativismo digital e movimentos sociais contemporâneos, foram analisadas três entrevistas de Nátaly Neri, em que a cientista social, criadora de conteúdo e ativista digital conta sobre sua trajetória. As considerações finais têm como principais pontos a desigualdade no acesso à Internet e a falta de base e estrutura diante da ampliação do racismo sistêmico no ambiente digital.

**Palavras-chave:** Ativismo digital. Mídias Sociais. Criação de Conteúdo. Criadores de Conteúdo Negros. Internet

**Abstract:** This article aims to identify possibilities and barriers for the performance of black organizations and individuals, in favor of their struggles, through social media. Based on theorists that approach the Internet, digital activism and contemporary social movements, three interviews of Nátaly Neri were analyzed, in which the social scientist, content creator and digital activist tells about her trajectory. The final considerations have as main points the inequality in access to the Internet and the lack of base and structure in the face of the expansion of systemic racism in the digital environment.

**Key words:** Digital Activism. Social Media. Content Creation. Black Creator. Internet

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo identificar posibilidades y barreras para la actuación de organizaciones e individuos negros, a favor de sus luchas, a través de las redes sociales. A partir de teóricos que abordan Internet, el activismo digital y los movimientos sociales contemporáneos, se analizaron tres entrevistas de Nátaly Neri, en las que la científica social, creadora de contenidos y activista digital cuenta su trayectoria. Las consideraciones finales tienen como puntos principales la desigualdad en el acceso a Internet y la falta de base y estructura frente a la expansión del racismo sistémico en el entorno digital.

**Palabras clave:** Activismo Digital. Redes Sociales. Creación de Contenido. Criadores de Contenido Negros. Internet

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais.

<sup>2</sup> Pós-graduada em Cultura, Educação e Relações Étnico-Raciais pelo CELACC – ECA/USP; Formada em Comunicação Social com ênfase em Publicidade e Propaganda pela FAPCOM.

## 1. INTRODUÇÃO

Ao olharmos para a trajetória da população negra brasileira, nos deparamos com diferentes articulações que nos mostram que estratégias de resistência, sobrevivência e lutas estiveram presentes durante toda a sua formação. Na contemporaneidade, as organizações sociais se movimentam e se articulam por meio e através da Internet. Em uma estrutura sistematicamente racista, sexista e de desigualdade social, é importante olharmos para como as organizações e indivíduos negros absorveram essa nova forma de atuação.

Buscando identificar limites e possibilidade para movimentações e atuações de indivíduos e grupos negros em meio a uma sociedade em rede, foram analisadas três entrevistas concedidas por Nátaly Neri, onde ela conta sobre sua trajetória e experiências atuando nas mídias sociais. A cientista social, youtuber, criadora de conteúdo, influenciadora e ativista digital, possui cerca de 796 mil inscritos no YouTube, 298,5 mil seguidores no Twitter, 700 mil no Instagram, 87 mil no Facebook e 198,9 mil no TikTok. Neri produz conteúdo desde 2015, abordando temas como negritude, veganismo, sustentabilidade, consumo consciente e o *slow living* (estilo de vida que preza pelo ritmo desacelerado).

Os relatos e reflexões de Neri serão apresentados e analisados com base no referencial teórico, que inclui: Clóvis Moura (1983; 2019), com sua abordagem sobre *grupos específicos*; Dennis de Oliveira (2017), com a institucionalização do movimento negro brasileiro e seu distanciamento da base; Néstor Garcia Canclini (2015), com movimentos contemporâneos e o *procomum*; Livia Moreira Alcântara (2015), com *ciberativismo* e *ativismo digital*; Pierre Lévy (1999), com comunidades virtuais, inteligência coletiva e projetos em disputa no ciberespaço; Manuel Castells (2001), com internet como meio de expressão; Ivana Bentes (2013), com relação entre *ativismo digital* e capitalismo; Luiz Valério Trindade (2022), com discurso de ódio nas redes sociais e o mito da neutralidade da rede; e Byung-Chul Han (2015), com sociedade do desempenho e cansaço.

Por fim, serão apresentados os principais apontamentos obtidos com as análises, entre eles: mídias sociais como ferramentas de ampliação da luta de indivíduos e *grupos específicos*; o uso das tendências de mercado e consumo como estratégia para criadores e influenciadores ativistas digitais; desigualdade e exclusão social e, conseqüentemente, digital; e o reflexo da falta de base e estrutura em um ambiente de ampliação de discursos de ódio, racistas e sexistas.

## 2. APRESENTAÇÃO DO CENÁRIO

O jornalista e sociólogo brasileiro Clóvis Moura, em *Organizações Negras* (1983), diz que o “negro brasileiro foi sempre um organizador. Durante o período [...] escravista, e, posteriormente, quando se iniciou [...] o seu processo de marginalização, ele se manteve organizado, com organizações frágeis e um tanto desarticuladas, mas sempre constantes” (MOURA, 1983, p.143). O racismo, ao criar barreiras que impediam a população negra de ser integrada ao mercado de trabalho e instituições, determinou a criação de organizações negras independentes, *grupos específicos* (MOURA, 1983, p.144).

O comunicólogo e jornalista brasileiro Dennis de Oliveira, em *A luta contra o racismo no Brasil* (2017), conta que após celebrações do centenário da Abolição, em 13 de maio de 1988, começou um “processo de transfiguração da denúncia do racismo para a existência de políticas públicas de enfrentamento da desigualdade racial” (OLIVEIRA, 2017, p.12). Em 1995, com pressão do movimento negro durante a marcha tricentenária da morte de Zumbi dos Palmares, em 20 de novembro, pela primeira vez um chefe de Estado brasileiro, na época Fernando Henrique Cardoso (FHC), admitiu oficialmente o problema do racismo no país (OLIVEIRA, 2017, p.16). Para Oliveira (2017), essa vitória ampliou “as possibilidades de criação de espaços institucionais para se pensar políticas de combate ao racismo” iniciando “um novo ciclo da luta contra o racismo” (OLIVEIRA, 2017, p.16-17). Entretanto, a formulação e implementação de políticas públicas de enfrentamento ocorreram somente a partir de 2003, com os governos de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Dilma Rousseff (PT), no qual o movimento negro ganhou espaço de atuação através de alianças com o governo (OLIVEIRA, 2017, p.17).

Segundo Oliveira (2017), esse cenário seduziu uma “parcela significativa do movimento negro por conta das possibilidades de institucionalização de pautas, profissionalização de militantes e financiamento de projetos de organizações” (OLIVEIRA, 2017, p.18). Isso fez com que, aos poucos, uma parte do movimento fosse “se deslocando para o campo institucional, transfigurando as pautas da crítica sistêmica ao capitalismo [...] para a formulação de políticas públicas” (OLIVEIRA, 2017, p.18). “Com isso, situações causadas por mecanismos estruturais, como os processos de extermínio da juventude negra na periferia - que cresce, apesar dos avanços das políticas públicas -, não receberam respostas efetivas desses novos arranjos institucionais” (OLIVEIRA, 2017, p.18).

Com este distanciamento, emergiu uma rede de organizações, coletivos de jovens periféricos, que aproveitaram a experiência acumulada do movimento *hip hop* e tentaram criar

um espaço próprio de atuação, fazendo fortes críticas à parcela do movimento negro que se institucionalizou (OLIVEIRA, 2017, p.18). Segundo Oliveira (2017), uma parte destes coletivos foi fortalecida pelo aumento do acesso destes jovens ao ensino superior, “resultado das políticas de inclusão na universidade implementadas durante o governo do PT” (OLIVEIRA, 2017, p.19), como o ProUni, o FIES e as cotas nas universidades federais.

Essa forma de atuação, por meio de redes de organizações e coletivos, parece não ser algo exclusivo destas novas movimentações negras, mas sim algo que se estende a outros movimentos sociais na contemporaneidade. Em entrevista à *Revista Caderno de Estudos Sociais e Políticas* em 2015, o filósofo e antropólogo argentino Néstor Garcia Canclini faz uma análise dos movimentos sociais contemporâneos na atual conjuntura dos países latino-americanos e aponta que nos últimos anos houve “uma mudança de interesses econômicos para limitar os benefícios sociais, que implicam distribuição de bens privados pela limitação dos juros por parte do governo” (CANCLINI, 2015, s.p.). Segundo ele, essa mudança apresentou uma “democracia canalha”, dando origem à “decomposição dos sistemas políticos”, tanto de partidos quanto de sindicatos e até movimentos sociais (CANCLINI, 2015, s.p.). O teórico defende que esse cenário mudou o conceito de cidadão:

[...] expostos a formas de controle e precariedade, que desestimulam uma participação constante e a expectativa de mudar, em modo durável, a sociedade. [...], exercer, hoje, a cidadania é situar-se em outra paisagem. [...]. Houve uma atomização das formas de participação, e o que encontramos etnograficamente em muitos países é que uma grande parte dos cidadãos se desvinculou de partidos, sobretudo, muitos movimentos juvenis [...]. Pensam que há outras formas de modificar a realidade, que pode ser participar em organizações de bairro, em movimentos de jovens, feministas, étnicos, ecológicos, [...] vistos como um modo de contribuir para uma transformação multifacetada do social. (CANCLINI, 2015, s.p.)

Para Canclini (2015), a vontade de fazer aquilo que o sistema político em decomposição não faz, deu resultado aos *procomum*, “movimentos alternativos, sobretudo, de jovens que estão descontentes com os modos de apropriação dos bens, que deveriam ser compartilhados, mas são apropriados por minorias, políticas ou sindicais” (CANCLINI, 2015, s.p.). Assim, o “*procomum* aparece como a busca de uma apropriação compartilhada e posta à disposição de todos pelo acervo de bens e mensagens, que, graças aos dispositivos eletrônicos e à Internet, podemos acessar mais facilmente” (CANCLINI, 2015, s.p.). Segundo Canclini (2015), as novas possibilidades de conexões e organizações, em especial através das mídias sociais, contribuíram para o surgimento do *procomum*.

O sociólogo brasileiro Massimo Di Felice, em *Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas* (2013), vai dizer que com o advento da Internet “começou a surgir

uma série de movimentos de ação direta, com práticas sociais e comunicativas específicas, realizando novas formas de conflitualidades sociais” (DI FELICE, 2013, p.53), o que mudou a configuração de participação social dos indivíduos.

O filósofo francês Pierre Lévy, em *Cibercultura* (1999), afirma que nem mesmo os desenvolvedores dos primeiros computadores, feitos para fins militares, tinham consciência que a Arpanet<sup>3</sup>, embrião da Internet, seria o pontapé inicial para a sociedade conectada que vivemos. Lévy (1999) nos lembra que, ao contrário do que muitos acreditam, não foram grandes empresas que fizeram crescer o ciberespaço<sup>4</sup>, mas sim um movimento social de cibercultura, iniciado por jovens universitários, que buscavam a democratização da comunicação informática, além de desenvolvedores anônimos e amadores, que visavam desenvolver *softwares* para facilitar o acesso de qualquer usuário, sem necessidade de conhecimentos técnicos (LÉVY, 1999, p.128).

Segundo a cientista social e jornalista brasileira Livia Moreira de Alcântara, em *Ciberativismo e movimentos sociais* (2015), diversos autores apontam que o desenvolvimento da Internet parte de movimentações sociais e afirmam que o ativismo é algo intrínseco a ela e responsável pela sua expansão. A cientista social vai chamar o ativismo que se articula e atua por meio e dentro das novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs) de *ciberativismo*, afirmando que vários conceitos foram adotados ao longo do tempo e de seus contextos, entre eles *ativismo digital* e *hackerativismo* (ALCÂNTARA, 2015, p.76).

Alcântara (2015) nos mostra como o *ciberativismo* influenciou as novas formas de movimentações sociais na contemporaneidade a partir de quatro marcos históricos: o Movimento Zapatista (1994), a Batalha de Seattle (1999), a Queda do presidente das Filipinas (2001) e Pós-2010. Neste último marco, os protestos de 2013, contra o aumento da tarifa do transporte público, e as ocupações de escolas públicas estaduais de São Paulo em 2015, contra o fechamento destas, consolidaram as NTICs e plataformas digitais, tais como as mídias sociais, como ferramentas potentes de *ativismo digital* no Brasil.

Citando o sociólogo espanhol Manuel Castells (2003), Di Felice (2013) afirma que a Internet construiu “um novo padrão de comunicação e [...] cultura, estruturada em quatro

---

<sup>3</sup> Segundo Costa (2010, p.261), no Glossário do livro *Cibercultura*, de Lévy (1999), é a rede de computadores criada e desenvolvida na década de 1960 pela Advanced Research Projects Agency (ARPA), agência do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, para criar um sistema capaz de ligar computadores geograficamente distantes através do conjunto de programas chamado TCP/IP. Essa tecnologia foi colocada à disposição de universidades e centros de pesquisa e deu origem a Internet.

<sup>4</sup> A palavra “ciberespaço” foi inventada por William Gibson, no romance de ficção científica *Neuromancer*, e nomeava o universo das redes digitais no livro. O termo foi resgatado pelos usuários e criadores de redes digitais. Lévy (1999) define “ciberespaço” como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. [...] inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos [...], na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização.” (1999, p.94-95)

camadas culturais que contribuem para uma ideologia da liberdade: a cultura tecnomeritocrática (dos produtores/usuários), a cultura hacker, a cultura comunitária virtual e a cultura empresarial” (CASTELLS, 2003 *apud* DI FELICE, 2013, p.53).

Dentro da ideia de uma ideologia de liberdade, mostra-se importante pensarmos sobre essa possibilidade a partir de fatores sociais estruturantes em uma sociedade marcada pelo racismo, sexismo e desigualdade social. O sociólogo brasileiro Luiz Valério Trindade, em *Discurso de Ódio nas Redes Sociais* (2022), trabalha com o argumento de que o sistema racista encontrou novas formas de expansão por meio da Internet. Segundo Trindade (2022), em meados de 1990, no início da Internet, diversas vozes no cenário internacional defendiam que essa tecnologia era *colour blind*<sup>5</sup>, ou seja, “a Internet seria um espaço virtual amplamente democrático, que permitiria às pessoas desconsiderarem diferenças raciais, desigualdades sociais, sentimentos xenofóbicos, preconceitos e intolerância de toda ordem” (TRINDADE, 2022, p.70). Contudo, segundo Trindade (2022), a socióloga norte-americana Jessie Daniels (2009) aponta que *colour blind* é um mito e uma ideia falha.

[...] com a evolução tecnológica, a Internet tornou-se um terreno fértil para o despertar do “racismo cibernético”, ou o que ela chama de “supremacia branca online”. A ideia central por trás desse conceito é que “a supremacia branca online explora mecanismos exclusivamente baseados na web para minar os direitos civis e os valores da igualdade racial com o discurso abertamente racista e antissemita”. (DANIELS, 2009, p.20 *apud* TRINDADE, 2022, p.71)

Entre visões positivas e problemáticas da realidade contemporânea de uma sociedade conectada, tentaremos identificar barreiras e possibilidades para movimentações negras por meio e através da Internet, que se mostra uma ferramenta potente de comunicação, informação, transformação e de ações de contrapoder, porém, também, de dominação, de manutenção de poder e de suas estruturas sociais hegemônicas.

### 3. METODOLOGIA DE PESQUISA

A fim de identificar limites e possibilidades para as movimentações e atuações de grupos e indivíduos negros por meio e através da Internet, foram analisadas três entrevistas da criadora de conteúdo Nátaly Neri, em que ela conta sobre sua trajetória e experiências atuando

---

<sup>5</sup> “Literalmente, essa expressão significa ‘cego/indiferente a cores’ com o objetivo de sinalizar ausência de viés de cunho racial. Ou seja, seria como dizer enxergar a todos de forma igualitária independente de raça.” (TRINDADE, 2022, p.159)

nas mídias sociais<sup>6</sup>: a realizada em 2021 no podcast *Dia Cast* pela criadora de conteúdo Gabie Fernandes e o empresário Rafa Dias<sup>7</sup>; a realizada no mesmo ano no podcast *Divã da Diva* pelos criadores de conteúdo Eduardo Camargo e Filipe Oliveira<sup>8</sup>, e a realizada pela ativista e criadora de conteúdo Andreza Delgado no podcast *Lança a Braba* em 2022<sup>9</sup>.

Cientista social, youtuber, criadora de conteúdo, influenciadora e ativista digital, Nátyly Neri possui cerca de 796 mil inscritos no YouTube, 298,5 mil seguidores no Twitter, 700 mil no Instagram, 87 mil no Facebook e 198,9 mil no TikTok. Neri cria conteúdo desde 2015 nas mídias sociais, abordando temas como negritude, veganismo, sustentabilidade, consumo consciente e *slow living*<sup>10</sup>.

A trajetória da criadora de conteúdo possui pontos importantes abordados anteriormente e novas percepções sobre a conjuntura atual entre Internet e relações sociais e étnico-raciais. Posto isto, a seguir, analisaremos relatos e reflexões de Neri, juntamente com o referencial teórico apresentado e outros que acrescentem nas discussões postas neste artigo, para identificarmos como a Internet, mais especificamente as mídias sociais, pode contribuir para organizações de grupos e indivíduos negros e quais os desafios presentes nesse meio.

## 4. NERI: RELATOS E INTERPRETAÇÕES

### 4.1 Comunidades virtuais e organizações negras na contemporaneidade

No podcast *Lança a Braba*, Neri (2022) lembra que entre 2013 e 2015 houve uma ascensão dos grupos no Facebook. Na época, a mídia social estava se popularizando no Brasil, ultrapassando o Orkut em números de usuários (EXAME, 2012). Segundo Trindade (2022), estudiosos da tecnologia da informação dizem que a *web 2.0* “abriu possibilidades de interação bem mais aprimoradas, formas variadas de interação entre grupos e pessoas, colaborações e

---

<sup>6</sup> Quando falamos sobre “redes sociais” e “mídias sociais” estamos falando de plataformas que possibilitam a interação entre indivíduos, a diferença é que o termo “mídias sociais” é mais usado quando a plataforma está sendo usada com o objetivo de produção de conteúdo, fins informativos, mercadológicos e publicitários e não somente para interação entre usuários, pois ela passa a ser uma mídia, ou seja, um meio para um objetivo específico.

<sup>7</sup> Entrevista transcrita no Apêndice A.

<sup>8</sup> Entrevista transcrita no Apêndice B.

<sup>9</sup> Entrevista transcrita no Apêndice C.

<sup>10</sup> *Slow living* pode ser traduzido como “vida lenta”. Segundo o site *Vida Simples*, a ideia “é conhecer o seu próprio tempo e aprender a administrá-lo segundo os seus princípios [...], sem necessariamente obedecer às pressões externas por decisões rápidas. [...] enquanto vivemos uma certa glamourização do estresse, o *slow living* promove a busca por uma vida menos apressada, que ajude as pessoas a encontrarem paz nelas mesmas e com os outros. [...] o *slow living* pode ser considerado parte de outros movimentos, como o *slow food* e o *slow fashion*. Seus praticantes acreditam que viver devagar significa desacelerar e pensar duas vezes antes de fazer algo. E isso não significa viver isolado ou fazer as coisas devagar, apenas estar mais atento.” (VIDA SIMPLES, 2021)

redes dinâmicas entre usuários” (TRINDADE, 2022, p.75), diferente da anterior, a *web 1.0*, que era limitada a textos e códigos, exigindo certo conhecimento técnico para seu uso. A *web 2.0* permitiu a “seus usuários construírem e disseminarem entre si não apenas conteúdo textual, mas também imagens, áudios e vídeos para um público muito mais amplo do que se podia conceber no cenário anterior” (TRINDADE, 2022, p.75).

Segundo Neri (2022), haviam diversos grupos no Facebook que discutiam questões sociais e ambientais e os descobriu a partir dos coletivos formados dentro da universidade. Desta forma, ela afirma que mesmo que não tivesse entrado em Ciências Sociais, teria sido inevitável ter contato com essas pautas, já que sempre gostou de consumir conteúdo deste tipo de plataforma. A cientista social afirma que se achava muitos grupos sobre negritude, seus preferidos eram os de transição capilar<sup>11</sup>, nos quais era ativa e gostava de trocar com outras mulheres negras sobre cuidados com o cabelo natural (NERI, 2022).

A comunicóloga brasileira Édila Maria dos Santos Matos, em *Cachear e Encrespar: moda ou resistência?* (2015), diz que um “meio de bastante alcance e auxiliador na valorização dos elementos raciais/culturais do afro-brasileiro são as redes sociais” (MATOS, 2015, p.37). Na época citada por Neri (2022), em meados de 2015, surgiram muitos grupos no Facebook, especialmente sobre questões étnico-raciais e periféricas, de conexões entre jovens universitários, o que nos faz refletir sobre o apontamento de Oliveira (2017) em relação ao fortalecimento de organizações de jovens negros periféricos, que começaram a ter acesso ao ensino superior, por meio de coletivos.

Em *Sociologia do Negro Brasileiro* (2019), Moura explica que “o negro somente se sente *específico* porque é *diferenciado* inicialmente pelas classes e grupos sociais *brancos*, fato que o leva a procurar organizar-se e elaborar uma subideologia capaz de manter a consciência e a coerção grupal em vários níveis” (MOURA, 2019, p.152). Desta forma, as associações e grupos negros específicos elaboraram uma cultura de resistência à sua situação social ao longo do tempo. Com isso, na contemporaneidade e na realidade da sociedade conectada, observamos que organizações e indivíduos negros encontraram novos espaços e formas de articulação contra o sistema estruturalmente racista por meio das mídias sociais, se organizando em grupos específicos virtuais, a partir de objetivos, percepções, ideologias e lutas em comum.

---

<sup>11</sup> Por volta de 2014 e 2015, surgiu um movimento potente entre mulheres negras em transição capilar, onde se discutia padrões estéticos impostos, embranquecimento, autoestima e valorização das características afro-brasileiras como forma de autoafirmação e empoderamento feminino negro. Os grupos no Facebook eram os principais meios de conexão entre essas mulheres, que se apoiavam no processo de abandonar as intervenções químicas capilares para “assumir” seus cabelos crespos e cacheados. Foi o movimento responsável por pressionar o mercado a pensar e desenvolver produtos para as especificidades do público negro, seja na composição dos produtos e produção, seja na comunicação publicitária.

No podcast *Dia Cast*, Neri (2021a) relembra que viu seus números de seguidores aumentarem de forma inesperada após uma entrevista da filósofa política Djamilia Ribeiro, concedida ao programa *Conversa com o Bial* da emissora TV Globo, em 2017. Na entrevista, a filósofa tratava sobre feminismo negro, Neri (2021a) acredita que as pessoas chegaram até seu canal por meio das buscas do termo na Internet. Vale destacar que foi nesse período em que diferentes programas da emissora começaram a trazer pautas étnico-raciais para seus debates.

Ao podcast *Divã da Diva*, Neri (2021b) conta que quando criou seu canal em 2015, inicialmente nomeado de *Afro e Afins*, tinha como objetivo abordar pautas relacionadas à negritude, além de compartilhar os conhecimentos que estava adquirindo na universidade. Segundo a criadora de conteúdo, foi nessa época que muitos criadores e militantes negros emergiram nas mídias sociais, especialmente no YouTube, abordando estas pautas, antes disso, não havia muita produção sobre elas (NERI, 2021b).

Um dado interessante sobre esse período é que, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios Contínua (PNAD) de 2018, entre 2012 e 2018, o número de pessoas que se autodeclararam brancas reduziu em todas as regiões do país, indo de 46,6% da população para 43,1%. Em contrapartida, os que se autodeclararam negros (pretos e pardos) aumentou para 56% da população do país. Segundo a gerente da PNAD de 2018, Maria Lucia Vieira, já era previsto pelo censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, que a população negra ultrapassaria a branca em números<sup>12</sup>. Foi nesse intervalo de tempo que expressões como “empoderamento” e “lugar de fala” começaram a aparecer com mais frequência na TV aberta e nas mídias sociais, ao mesmo tempo em que plataformas como o YouTube, Facebook e o Instagram, se consolidaram no Brasil.

#### **4.2 Ativismo digital como forma de atuação na contemporaneidade**

Por meio das reflexões de Neri, conseguimos perceber como o conceito *procomum*, de Canclini (2015), se apresenta em suas motivações e aspirações no início de sua atuação na Internet. Nas três entrevistas, Neri conta que iniciou seu canal no YouTube após passar por um processo de desidealização da academia. Ao *Dia Cast*, compartilha:

[...] meu sonho era entrar em ciências sociais. [...]. E eu descobri um ambiente muito violento, muito tóxico que é o da universidade, ainda mais se você vem de escola pública, se você é uma pessoa racializada, se você não tem um conto no bolso, porque eu vivia de bolsa auxílio permanência, e várias outras coisas [...]. passei por um relacionamento muito abusivo com um orientador, abusivo profissionalmente [...], e

<sup>12</sup> Informações obtidas na publicação de Bernardo Barbosa para o portal *Uol*, *Número de brasileiros que se declaram pretos cresce no país*, diz IBGE, em 2019 e acessada no mesmo ano.

isso é muito comum na universidade, essa hierarquia de professor e aluno [...]. Nesse momento eu parei de respeitar a universidade [...]. Aí eu falei: O quê que me faz feliz? [Isso] não me fez feliz até agora, então eu vou fazer o que eu gosto [...]. Eu quero produzir conteúdo [...]. (NERI, 2021a)

Segundo Castells, em *A política da Internet I: Redes de computadores, sociedade civil e Estado* (2001), a medida em que a Internet foi se tornando um dos meios de comunicação essenciais no contexto contemporâneo, também se tornou parte importante nas estratégias adotadas tanto por ativistas de diferentes movimentos sociais quanto para processos políticos e continuarão “cada vez mais, como um instrumento privilegiado para atuar, informar, recrutar, organizar, dominar e contradominar” (CASTELLS, 2001, p.142). Ao *Divã da Diva*, Neri (2021b) relata que no começo possuía muitas ambições, pois acreditava que se o problema do mundo era conseguir alcançar e falar com todas as pessoas, ela ia estudar para aprender a ser didática e conseguir fazer isso, levando informação e conhecimento por meio do seu conteúdo.

Pensando no uso da Internet como meio de organização e atuação, chegamos ao que Alcântara (2015) define como *ciberativismo* ou *ativismo digital*. O economista espanhol David de Ugarte (2008 *apud* ALCÂNTARA, 2015) compreende o *ciberativismo* com herdeiro da cultura hacker e o relaciona à luta por visibilidade nas instituições hierarquizadas, por meio da “mudança da agenda pública [...], mediante a difusão de uma determinada mensagem e sua propagação através do ‘boca a boca’ multiplicado pelos meios de comunicação e publicação eletrônica pessoal (UGARTE, 2008, p.55 *apud* ALCÂNTARA, 2015, p.83).

Castells (2001) diz que a “luta para mudar os códigos de significado nas instituições e na prática da sociedade é a luta essencial no processo de mudança social no novo contexto histórico”, assim, “os movimentos sociais na Era da Informação são essencialmente mobilizados em torno de valores culturais” (CASTELLS, 2001, p.144). Segundo o sociólogo, “Esses movimentos pretendem conquistar poder sobre a mente, não sobre o Estado” (CASTELLS, 2001, p.145).

Assim, conseguimos identificar influências dessa forma de atuação na fala de Neri sobre compartilhar informações e conhecimento para alcançar pessoas. Contudo, mostra-se importante olharmos para essa forma de articulação, que visa mudar códigos e realizar mobilizações em torno de valores culturais, pois pode ser usada tanto a favor de pautas sociais e ambientais quanto para projetos opostos ou desfavoráveis a elas, especialmente em um momento de aumento de propagação de informações falsas (*Fake News*) e discursos de ódio.

### **4.3 Inteligência coletiva em ambiente de projetos em conflito**

Nas entrevistas, Neri fala sobre o aspecto construtivo da Internet. No *Lança a Braba*, a cientista social relembra que quando começou a criar conteúdo tinha uma narrativa unilateral, que por falta de conhecimento muitas vezes generalizava (NERI, 2022). Lévy (1999) traz a ideia de que a cibercultura construiu um universal sem totalidade. Para o filósofo, “Cada conexão suplementar acrescenta ainda mais heterogeneidade, novas fontes de informação, novas linhas de fuga”, assim “quanto mais universal (extenso, interconectado, interativo), menos totalizável.” (LÉVY, 1999, p.122).

No *Dia Cast*, Neri (2021a) conta que aprendeu muito com o retorno que recebeu do público: “Acho que essa é a magia da Internet, você tem uma visão e de repente você fala para alguém que tem outra visão e isso soma na sua” (NERI, 2021a). Neri traz como exemplo sua experiência com o conteúdo sobre brechó:

Antes eu achava que brechó era revolucionário [...] e com o tempo as pessoas foram me dando esse feedback: “Nátaly, eu fui nesse brechó que você mandou e não tinha roupa para mim [...], eu visto 40, 56, uma numeração *plus size* e não tinha”. Eu também falava: “Só garimpar gente, tem momentos que você vai entrar no brechó e não vai encontrar nada”, aí a pessoa falou: “Olha, eu trabalho 12 horas por dia, não tenho tempo”. [...] Eu comecei a entender que você também precisa de tempo, de uma visão de moda, entendi que às vezes você vai encontrar roupas no brechó furadinhas, rasgadinhas, manchadinhas, que quando você tem dreads verdes, trabalha na Internet, você bota uns pins ali, uns negócios e é estilo, mas às vezes, se você já é um corpo violentado, se você já é um corpo estereotipado, como o de uma mulher negra, e você vai na sua primeira entrevista de emprego com um blazer gastado, dos anos 80, 90, que você achou num brechó, não é. (NERI, 2021a)

No *Divã da Diva*, Neri (2021b) diz que esses feedbacks a ajudaram a perceber que existem limites, porque nem todos estão no mesmo contexto que o dela, as realidades são diferentes. A criadora de conteúdo acredita que: “Não criamos nada novo se estamos vendo as mesmas coisas todo dia, se estamos conversando com as mesmas pessoas todo dia, pensando das mesmas formas” (NERI, 2021b). As colocações de Neri sobre o aspecto construtivo da Internet, que nos faz pensar sobre inteligência coletiva, ponto presente no projeto inicial do movimento de cibercultura como pontua Lévy (1999).

Neri (2021b) afirma que aprendeu com a exposição na Internet que é saudável entender que “isso aqui pode estar certo ou errado”. A cientista social acredita que fomos perdendo isso com o tempo, o que teria resultado na *cultura do cancelamento*. Assim, segundo Neri (2021b), um movimento que denunciava problemas sociais específicos “virou uma ode à perfeição” e por conta dessa distorção e generalização problemática é necessário trocar a palavra *cancelamento* por *responsabilização* (NERI, 2021b). Ao *Dia Cast*, Neri (2021a) conta que participou da primeira onda do movimento, que denunciava a violência sofrida por *grupos*

*específicos* e que de fato houve uma compreensão por parte de muitas pessoas sobre o que estava sendo apontado (NERI, 2021a).

[...] era em um momento que talvez o cancelamento não fosse sobre cancelar a pessoa e excluir a existência dela da face da terra, mas sobre responsabilizar alguém por atos absurdos. [...] era um movimento no Twitter, [...] e foi assim que a gente começou a falar com marcas, que estavam com uma pessoa preta só, ou marcas que estavam falando coisas absurdas no Brasil de 2018, 2019 na época, até antes disso, 2017. Só que de repente você pega esse movimento que quer pontuar coisas muito específicas e resolver esses problemas, porque não dá mais para continuar falando isso, e ele vira um grande movimento de destruição em massa de qualquer um que fale algo que eu não concorde [...]. (NERI, 2021a)

Ao *Lança a Braba*, Neri (2022) reflete sobre como as referências ou a falta delas influenciam no processo de formação da identidade e subjetividade em um ambiente tão amplo como a Internet. A cientista social conta que buscou no Facebook grupos que debatiam sobre veganismo quando quis entender o movimento, porém, encontrou espaços com abordagens agressivas, extremistas e liberais, que a fez se afastar naquele primeiro momento (NERI, 2022).

[...] comecei a entender que assim como para várias outras coisas a gente abriu mão, porque a gente não se via e o se ver é importante [...], com o veganismo foi a mesma coisa, eu só odiava porque eu não tinha enxergado pessoas próximas de mim realizando e lutando, inclusive contra aquele discurso, que não é da maioria, mas, infelizmente, tinha mais espaço, porque já estava lá, tinha mais acesso e falava as [coisas] que queria nos grupos de Facebook. (NERIS, 2022)

A cientista social diz que na Internet essas abordagens são percebidas entre indivíduos e grupos de diversos movimentos sociais e conclui que a pluralidade de abordagens, evidenciada por este meio, foi importante, por exemplo, para voltar a se aproximar do movimento vegano (NERI, 2022). Neri ressalta: “na Internet, quando estamos construindo nossas individualidades, a gente tem muitos espelhos. Está todo mundo falando, que bom que está todo mundo falando, o ponto é olhar várias, diversas experiências” (NERI, 2022). No *Divã da Diva*, a criadora relembra quando começaram a questionar sua negritude e conta:

[...] a gente passa por esses momentos de questionamento e temos o colorismo como uma pauta fundamental no Brasil, em que pessoas de pele mais clara realmente estão em um lugar de violência menos evidente do que pessoas mais escuras. Isso é uma pauta importante, mas quando personaliza e a pessoa te aponta o dedo e fala: “Você não é negra”... Não faz muito sentido para mim. [...] comecei a olhar no espelho, me via branca [...] e chegou num ponto que eu ia comprar uma base e a base era dois tons mais claro, porque eu achava que eu era daquela cor. [...] tive uma distorção de imagem. [...] quando minha terapeuta pegou minha mão e falou: [...] “Oi? Lembra o que você viveu?” a ficha caiu. Aí eu fiquei muito assustada com o poder da Internet. Muito assustada em como quando a gente tá vulnerável e escuta algumas coisas, a gente vai para o fundo do poço. (NERI, 2021b)

No *Dia Cast*, Neri (2021a) afirma que quando estamos comunicando para um público que não sabemos de onde está vindo, é preciso ter certo distanciamento para entender que

peças pensam de formas diferentes e questionam. Segundo Lévy (1999), o próprio “devir da cibercultura simplesmente não é controlável porque, na maior parte do tempo, diversos autores, diversos projetos, diversas interpretações estão em conflito” (LÉVY, 1999, p.206).

#### 4.4 Ativismo digital e mercado na relação morde e assopra

A pesquisadora e comunicóloga brasileira Ivana Bentes, em *A Internet e a rua: Ciberativismo e mobilização nas redes sociais* (2013), diz que a atuação ativista “de dentro” do sistema capitalista é uma das questões mais difíceis da atualidade. Diante de “mecanismos de controle, barragem, taxações, apropriações, como devolver para o ‘comum’ e para o ‘coletivo’ a potência de invenção e de colaboração? Sem privatizar o comum, mas também ‘monetizando’ e cobrando de quem pode pagar, colaborar, financiar” (BENTES, 2013, p.12). Para Bentes (2013), “esse é hoje um desafio e um problema no capitalismo cognitivo que não tem uma resposta-modelo”, mas está em debate, pois “os novos movimentos políticos e os mais decisivos reivindicam uma renda mínima universal, [...] um salário para existir” (BENTES, 2013, p.12).

O entrevistador do podcast *Dia Cast*, Rafa Dias, também empresário e fundador da produtora de conteúdo digital *Dia Estúdio*, afirma que Neri se tornou referência entre criadores e influenciadores digitais por não trabalhar com marcas que vão contra os seus princípios (DIAS, 2021). A criadora conta que começou a pensar sobre isso no seu primeiro contrato comercial (NERI, 2021a). Na época, trabalhava com uma marca de cosméticos para cabelo, que estava promovendo ações voltadas para o conhecimento e incentivo de meninas negras nas periferias da cidade de São Paulo, o que condizia com seus posicionamentos, porém, estava começando a se envolver com as pautas veganas e a marca testava em animais (NERI, 2021a).

Neri (2021a) diz que foi difícil no início, quando começou a rever as marcas com quem se relacionava, pois percebeu que todas testavam em animais em pleno o ano de 2017, inclusive marcas grandes, o que, segundo ela, só começou a mudar recentemente. Além disso, no *Divã da Diva*, Neri (2021b) enfatiza: “O mercado não estava preparado para as putas que eu lidava e nem tinham marcas que queria se alinhar a elas e a mim também, a minha imagem, aos meus discursos e eu não ia abrir mão de falar sobre as coisas que pensava. [...] vivi muito tempo produzindo conteúdo do meu bolso” (NERI, 2021b).

A cientista da informação brasileira Gabriela Pastori, em *Consumerismo: conceitos de uma nova forma de pensar o consumo* (2018), afirma que antes era o mercado que direcionava o consumo, fomentado pela publicidade, hoje, o movimento de *consumerismo* “vem provocando impactos em alguns nichos de mercado” (PASTORI, 2018, s.p.). O *consumerismo*

é um movimento social que vai contra o consumismo e preza pelo consumo consciente, considerando todos os aspectos que envolvem consumir algo – econômicos, sociais, ambientais e culturais – no momento de decisão da compra e consumo (PASTORI, 2018, s.p.). Esse perfil de consumidor, “mais crítico e seletivo, acendeu o alerta para as novas tendências de consumo” (PASTORI, 2018, s.p.), fortalecidas pelas mídias sociais.

Para Neri (2021a), a mudança das marcas em relação às pautas sociais e ambientais é resultado de uma pressão social, na qual criadores e influenciadores digitais tiveram papel importante. A criadora enfatiza que não vai ser uma pessoa consumindo ou não que vai mudar toda uma indústria, mas os influenciadores tem certa responsabilidade em apontar novas alternativas para a redução de danos e para impactos positivos (NERI, 2021a). Ao *Lança a Braba*, Neri (2022) diz: “falo muito sobre consumo consciente, entre aspas, porque é um consumo ainda, você está falando dentro de uma sociedade capitalista em que as pessoas vão comprar [...] é todo um dilema que existe dentro desse nosso meio, em que a gente morde e assopra” (NERI, 2022).

Ao *Dia Cast* Neri (2021b) conta que trabalhar com marcas veio da necessidade de viver de seu trabalho, mesmo lhe trazendo dilemas até psicológicos, emocionais e filosóficos. A criadora ressalta que é importante entender que, por mais progressista e vanguardista que se declare, uma marca não vai revolucionar o mundo, mas construir essa relação pode estruturar e ajudar a continuar produzindo o conteúdo que acredita, “porque não tem ninguém falando: Toma esse dinheiro e vai lá produzir conteúdo” (NERI, 2021b). Para tanto, Neri (2021a) explica: “o que fazemos não é um se dobrar as marcas, se dobrar ao capitalismo e calar nossa voz, é ser muito crítico e usar isso estrategicamente” (NERI, 2021a). Assim, ela própria determinou vários limites, que se não existissem estaria ganhando muito mais do que ganha atualmente, porém, para ela, eles são inquestionáveis.

Segundo Neri (2021a), um dos principais pontos na relação de criador(a) de conteúdo e público é a confiança que o segundo estabelece com o primeiro: “Você pode ganhar uma bolada de dinheiro agora e perder tudo o que você construiu por anos” (NERI, 2021a). Para Neri (2021a), é importante escolher bem com quem se alinhar, analisar os objetivos e ações da marca por meio de reuniões, pesquisas, questionamentos e documentos, para garantir que o posicionamento da mesma esteja alinhado com seus princípios, e lembra que existem muitas que estão apenas interessadas no marketing promovido pela relação.

A criadora diz que dizer “não” às marcas que possuem posicionamentos e estruturas problemáticas, socialmente e ambientalmente, é apenas fazer sua obrigação enquanto criadora

de conteúdo e influenciadora digital (NERI, 2021a). Todavia, no *Lança a Braba*, Neri (2022) diz que compreende que não são todos os criadores e influenciadores que conseguem dizer “não”, pois nem todos estão em contextos que os permitem negar um trabalho e enfatiza que estes, geralmente, são pessoas pretas, periféricas, indígenas e em realidades de desigualdades sociais (NERI, 2022).

No *Dia Cast*, Neri (2021a) aponta a importância da consciência jurídica para garantir o direito de expressão e o rompimento do contrato caso a marca cometa ações que vão contra seus posicionamentos (NERI, 2021a). Segundo Dias (2021), antes eram as marcas que impunham as cláusulas e no caso de quebra de contrato por parte dos criadores e influenciadores digitais, inclusive em se posicionarem contra a marca, haviam multas. Com a Cláusula Moral, o direito de expressão e de realizar ações que condizem com seus posicionamentos é garantido aos criadores de conteúdo (DIAS, 2021).

#### **4.5 Exclusão digital e tentativa de manutenção do poder**

No *Dia Cast*, Neri (2021a) relembra que quando o Instagram foi lançado só era compatível com os aparelhos da marca iPhone: “é muito doido perceber esses limites, que são financeiros e estruturais” (NERI, 2021a). A cientista social observa que, após a pandemia de Covid-19, todas as desigualdades foram expostas com a aceleração da digitalização e a necessidade da presença digital, pois para estar presente é necessário um investimento que não são todas as pessoas que tem a possibilidade de fazer (NERI, 2021a).

Com a pandemia de Covid-19 e a ampliação dos debates sobre racismo estrutural e periferias, as denúncias nas mídias sociais sobre a falta de acesso ou o acesso limitado à Internet nas periferias e favelas do Brasil – colocando seus moradores em desigualdade digital no Estudo a Distância (EAD) e no trabalho remoto (home office) –, ganharam a agenda nacional entre os anos de 2020 e 2022. Diante desta discussão, no primeiro semestre de 2022, foi lançado o estudo *O Abismo Digital no Brasil*, da PwC Brasil em parceria com o Instituto Locomotiva, que expôs a disparidade no acesso à Internet a partir do recorte racial, escolaridade, classe e região.

Segundo o estudo, enquanto 83% da população brasileira não-negra está conectada, apenas 75% da população negra está conectada. Das pessoas conectadas, a maioria são pessoas brancas, escolarizadas, pertencentes às classes A e B e estão localizadas nas regiões Sul e Sudeste. Entre as parcialmente conectadas, a maioria são pessoas negras, menos escolarizadas, pertencentes às classes C, D e E e estão localizadas na região Sudeste. Entre as subconectadas, a maioria das pessoas são negras, menos escolarizadas, pertencentes às classes D e E e estão

localizadas nas regiões Norte e Nordeste. Entre as pessoas desconectadas, a maioria pertence às classes C, D e E, são homens, não alfabetizados e idosos (PWC BRASIL, 2022, p.15).

Segundo Lévy (1999), o ciberespaço tem como um de seus efeitos a aceleração da alteração tecnossocial, “o que torna ainda mais necessária a participação ativa na cibercultura, se não quisermos ficar para trás, e tende a excluir de maneira mais radical ainda aqueles que não entraram no ciclo positivo da alteração, de sua compreensão e apropriação” (LÉVY, 1999, p.30). O filósofo diz que há risco da cibercultura potencializar desigualdades e exclusão social, pois o “acesso ao ciberespaço exige infraestruturas de comunicação e de [...] computadores de custo alto para as regiões em desenvolvimento” (LÉVY, 1999, p.244). Mesmo que “os pontos de entrada de rede bem como os equipamentos indispensáveis para a consulta, a produção e o armazenamento da informação digital estejam disponíveis. É preciso ainda superar os obstáculos ‘humanos’” (LÉVY, 1999, p.244), como “freios institucionais, políticos e culturais para formas de comunicação comunitárias, transversais e interativas” (LÉVY, 1999, p.244).

Neri (2021a) observa que a Internet ampliou a defesa da democratização da informação e gratuidade do acesso a diversos conteúdos, porém, vemos agora pessoas pagando milhões de dólares para serem proprietárias de itens digitais, que são comuns a todos, como memes. Lévy (1999) aponta que “o devir do ciberespaço é também uma disputa de projetos e interesses em luta [...] [e que] os projetos opostos serão veiculados por grupos diferentes e irão gerar lutas de poder e acordos” (LÉVY, 1999, p.207). Para Neri (2021a), a partir da ideia de que “tudo é de todos e todos têm acesso”, essa é a forma que as elites encontraram para se diferenciarem de “todos” e estão mobilizando ferramentas, que poderiam ser usadas com propósito, para criar novas elites dentro das mídias sociais.

O sociólogo peruano Aníbal Quijano, em *Colonialidade do poder: Eurocentrismo e América Latina* (2005), afirma que toda a sociedade é uma estrutura de poder e toda a “estrutura de poder é sempre, parcial ou totalmente, a imposição de alguns, frequentemente certo grupo, sobre os demais” (QUIJANO, 2005, p.130). Essa estrutura, em que o grupo dominante se mantém no topo e os demais na base, segundo Moura (2019), foi ordenada “de acordo com um sistema de valores discriminatórios, através de mecanismos controladores historicamente montados para conservar o sistema, objetivando manter os segmentos e grupos dominados nas últimas escalas de sua estrutura” (MOURA, 2019, p.92). Assim, podemos concluir que uma vez que as estruturas sociais ganham expansão no ciberespaço, a organização de poder também é reproduzida neste meio.

As sociólogas Heather Hensman Kettrey e Whitney Nicole Laster (2014), enfatizam que a Internet não é um território *colour blind*, mas sim um espaço em que raça e racismo são marcas significativas (*apud* TRINDADE, 2022, p.72). Abordando o contexto norte-americano, elas vão dizer que “a web é um espaço embranquecido que propicia acesso, mais facilidade e maior poder aos usuários brancos do que aos usuários negros” (KETTREY; LASTER, 2014, p.247 *apud* TRINDADE, 2022, p.72).

Neri (2021a) compartilha que está angustiada com o rumo que estamos tomando no momento atual da Internet, especialmente após a empresa de tecnologia Meta<sup>13</sup> anunciar o desenvolvimento de um *metaverso* e questiona: Como isso serve para um propósito global e democrático? Qual o real motivo de quererem um avanço como esse? O que é avanço tecnológico no meio de tantos problemas sociais que não foram superados? (NERI, 2021a). Segundo ela, enquanto nos Estados Unidos a tecnologia chega com facilidade, aqui temos uma das bandas largas mais caras do mundo e isso, que é a realidade de muitos países, é preocupante quando pensamos em avanço tecnológico mundial (NERI, 2021a).

Em matéria para o site *Meio & Mensagem*, o publicitário brasileiro Ian Black<sup>14</sup> afirma que o “*metaverso* está se formando a partir de uma lógica colonialista aplicada ao digital” e toda “a estrutura intelectual, cultural e econômica do *metaverso* está se formando através das visões e ambições desse mesmo grupo [dominante]” (BLACK, 2022). O publicitário traz as provocações de Dario Calmese<sup>15</sup>, que questiona a reconstrução que não passa pela transferência de poder, e diz que o futuro “está num momento de disputa sobre como ele será construído e, mais importante, por quem” (BLACK, 2022). Lévy (1999) é enfático ao dizer que é necessário a presença e participação de diversas pessoas e grupos para ampliar a diversidade de narrativas.

A menor experiência de navegação na World Wide Web mostra uma irrefreável expansão de informação e de formas de expressão provenientes de todas as regiões do mundo [...] e dos mais variados horizontes intelectuais. [...] O ciberespaço contém [...] aquilo que as pessoas nele colocam. A manutenção da diversidade cultural depende principalmente da capacidade de iniciativa de cada um de nós, e talvez do suporte que os poderes públicos, as fundações, as organizações internacionais ou as ONGs possam conceder aos projetos com características artísticas ou culturais. (LÉVY, 1999, p.249)

Neri (2021a) acredita que são necessárias políticas públicas para a questão da desigualdade de acesso à Internet no Brasil e garantir a participação de todos nesse processo de

---

<sup>13</sup> No final de 2021, a empresa que antes se chamava Facebook, responsável por grandes mídias sociais como o Facebook, Instagram e o Whatsapp, anunciou a mudança de nome para Meta, ao mesmo tempo em que apresentou seu novo projeto de desenvolvimento de um metaverso, um universo virtual onde as pessoas, por meio de seus avatares, podem comprar, interagir, trabalhar, exercer diversas atividades que fariam no mundo real, no mundo físico.

<sup>14</sup> Ian Black é CEO e Fundador da agência *New Vegas*.

<sup>15</sup> Dario Calmese é fotógrafo e fundador do *Institute of Black Imagination*

digitalização, para garantir que todos tenham acesso aos novos formatos de trabalho e ensino, que são pontos importantes para enfrentar a desigualdade social sistemática. Isso também é apontado pelo estudo da PwC Brasil (2022), fato que entrou em estado de atenção com a necessidade de aceleração das tendências de digitalização e automação provocada pela pandemia de Covid-19, com a necessidade do isolamento social e de que ficássemos em casa.

Trindade (2022) diz que no estudo *A inclusão digital do negro no Brasil* (2016) “argumentam que, entre as políticas públicas em vigor para combater as desigualdades digitais no Brasil, não há muitas voltadas para atingir especificamente grupos raciais menos favorecidos” (*apud* TRINDADE, 2022, p.73), o que seria importante, já que desigualdade social, questões étnico-raciais e de gênero se interconectam no contexto social brasileiro. O que se percebe é que além de garantir o acesso à Internet para esses *grupos específicos*, é importante incluí-los nos processos de desenvolvimento das tecnologias e de suas plataformas.

#### **4.5 Reflexos do discurso de ódio, saúde mental e ausência de base**

No *Lança a Braba*, Neri (2022) reflete que o ódio disseminado na Internet ganha potência e afeta de forma intensa e violenta, pois “é um nível de tortura e dominação que o digital tem com a gente, que é muito assustador, mas ao mesmo tempo a gente não tinha noção de que poderia ser tão intenso e perigoso” (NERI, 2022). A entrevistadora do podcast, Andreza Delgado (2022), também mulher negra, criadora de conteúdo e ativista, observa que as pessoas se sentem à vontade para disseminar ódio nas mídias sociais e a forma como isso lhe atingiu fez com que buscasse terapia, pois estava afetando a sua vida e saúde mental. Trindade (2022) identificou em suas pesquisas que as mulheres negras são as principais vítimas desses discursos.

Segundo Neri (2022), a compreensão de como esses discursos nos afetam é algo que estamos tendo agora, ao mesmo tempo que tentando entender como criar formas de blindar essas ações e cuidar da saúde mental. Para Trindade (2022, p.79), os discursos de ódio disseminados nas redes sociais reverberam por mais tempo e impactam vidas fora daquele meio virtual. O sociólogo alerta que as mídias sociais “se tornaram arenas virtuais que permitem às pessoas destilarem toda sorte de discursos racistas, misóginos e discriminatórios contra diversos grupos sociais” (TRINDADE, 2022, p.77). Para ele: “as atitudes das pessoas no ambiente virtual não estão dissociadas do ambiente offline, de tal forma que seus valores, crenças e ideologias também são espelhos ou replicados nas redes sociais” (TRINDADE, 2022, p.78).

[...] como argumentado no livro *Race in Cyberspace* [...] a questão racial é importante no ambiente virtual. Isso porque, segundo eles, todos nós que passamos tempo conectados à Internet somos moldados pelas formas como a raça é importante fora

dali e não há como deixar de carregar conosco nossos próprios conhecimentos, experiências e calores quando nos conectamos. (TRINDADE, 2022, p.78)

Em relação a esse apontamento feito por Trindade (2022), talvez possamos pensar isso tanto do ponto de vista dos discursos de ódio quanto da forma como todos os indivíduos, pertencentes a grupos dominantes ou específicos, lidam com as mídias sociais a partir de suas experiências e contextos. No *Dia Cast*, Neri (2021a) conta que no início de sua atuação, além de levar informação, havia uma vontade subjetiva de expressar as dores que sentia, resultado das violências vividas e acumuladas por anos. Para Neri (2021a), um dos principais motivos pelo seu crescimento acelerado na Internet é que muitas pessoas se identificaram com o que ela dizia, em um momento que haviam poucos criadores de conteúdo falando sobre isso.

Neri (2021a) relembra no *Dia Cast*, que no início tinha apenas 21 anos e estavam colocando-a em um lugar de protagonismo que nunca teve e afirma que quando isso está garantindo trabalho, preenchendo vazios internos e dando propósito de vida você se dedica, ultrapassando até mesmo seus limites sem ao menos perceber (NERI, 2021a). Esse é um fenômeno que de fato já se ouve muito nos relatos de criadores de conteúdo, em especial dos que começam muito cedo. No *Lança a Braba*, Neri (2022) reflete sobre o primeiro contato, sobretudo dos jovens, com as pautas sociais e como lidam com elas na Internet: “A maior parte das pessoas quando são muito jovens e começam na Internet estão muito emocionadas. Eu digo que a gente é muito primeiro convertido nessas analogias com a igreja” (NERI, 2022). Neri (2021b) enfatiza no *Divã da Diva*, que é necessário ter certa racionalidade quando se está lidando com coisas que são grandes demais: “A Internet é grande demais. Achemos que vamos dominar o mundo e que temos poderes sobrenaturais, e eu já estive nesse lugar” (NERI, 2021b).

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, em *Sociedade do Cansaço* (2015), ao refletir sobre a sociedade do século XXI, diz que esta “não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. [...] seus habitantes não se chamam mais ‘sujeitos da obediência’, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos.” (HAN, 2015, p.14). Para Han (2015), o “poder ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade de desempenho. O plural coletivo da afirmação *Yes, we can*<sup>16</sup> expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade de desempenho. No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação” (HAN, 2015, p.14). Desta forma, há uma autocobrança para entregar algo que o próprio indivíduo acredita que precisa entregar.

---

<sup>16</sup> Em tradução livre: “Sim, nós podemos”

Neri (2021b) diz no *Divã da Diva*, que não entendia o que fazia, para onde estava indo ou quem era. Para ela, isso fez com que se desfizesse do próprio corpo e se tornasse seu corpo político, reduzindo-se ao seu processo de reflexão, fazendo com que se distanciasse de si mesma, da sua família e de amigos pela forma como lidou (NERI, 2021b). Dizendo que ficou “insuportável” por um determinado período, ela conta que não conseguia sequer assistir televisão com seus pais e relembra que chegou à um ponto em que percebeu que não tinha uma base, um porto seguro para onde voltar, pois acabou se distanciando de todos: “não tinha onde descansar, porque eu tinha destruído essa parte da minha personalidade” (NERI, 2021b).

No *Lança a Braba*, Neri (2022) ressalta: “eu estava lutando contra dores e feridas que existiam dentro de mim e tendo que gerenciar um mundo de outras expectativas e relações que aconteciam fora” (NERI, 2022). A criadora reconhece que não tinha estrutura psicológica para falar e lidar com os temas que abordava quando iniciou seu canal no YouTube em 2015, sobre racismo e violência, o que talvez seja um dos principais pontos quando tratamos desta geração tão jovem de ativistas digitais citadas pela criadora e que podemos observar nas mídias sociais. A cientista social enfatiza: “Por mais que eu passasse uma ideia e uma força e altivez, que eu ainda estava construindo [...], eu não tinha estrutura para lidar com aquilo, porque eu estava muito sozinha. Tem gente que tem, eu não tinha” (NERI, 2022) e reflete sobre a importância de se ter uma base para lidar com esse contexto.

[...] falei: “Cara, não é só ligar uma câmera e criar”. Você consegue se tiver estrutura, base. É legal aí uma família que vem às vezes tratado isso, mas sabemos que essa não é a realidade dos pretos brasileiros, que a gente entrou na internet para cuspir, vomitar o desespero, a angústia, a dor e aí depois a gente exaurir de tanto fazer isso. No momento que a gente para e fala: “caramba, não aguento mais”, a gente se sente culpada, eu me sinto culpada, me sinto muito mal. (NERI, 2022)

Essa culpa por chegar à conclusão do esgotamento pode ser refletida a partir do que Han (2015) vai dizer sobre o indivíduo em depressão na sociedade do desempenho. O “que causa a depressão do esgotamento não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a pressão de desempenho” (HAN, 2015, p.15). “A lamúria [...] de que nada é possível só se torna possível numa sociedade que crê que nada é impossível. Não-mais-poder-poder leva a uma autoacusação destrutiva e a uma autoagressão. O sujeito de desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo.” (HAN, 2015, p.16). As mídias sociais consolidaram a ideia do protagonismo, mas em um ambiente onde não se tem controle e de disputas de poder, essa ideia tem suas limitações e contrapontos, que podem frustrar estes indivíduos.

No *Dia Cast*, Neri (2021a) diz que quando decidiu contar que não estava bem para seu público, as pessoas se aproximaram mais e isso a surpreendeu, pois acreditava que dizer ia fazer

com que as pessoas não quisessem mais ouvi-la. No *Divã da Diva*, ela reflete sobre esse momento, trazendo uma marcação interessante e muito apontada nos últimos anos por criadores e influenciadores digitais, a Era do Instagram: “a gente tem dificuldade de se mostrar assim, humano, errando, e fazendo as coisas e não dando certo [...], porque é isso! Era do Instagram: vida perfeita, todo mundo lindo, sorrindo” (NERI, 2021b).

Neri (2021a) conta no *Dia Cast*: “Depois que eu contei esse processo, entendi uma forma madura de me colocar na Internet, de lidar com minhas dores, lidar com as discussões políticas que eu queria tratar” (NERI, 2021a). A partir da ideia trazida por Han (2015), podemos compreender como falar sobre seu cansaço e vulnerabilidades ajudou Neri a se conectar novamente consigo mesma, com o seu conteúdo e o público. Segundo Han (2015), o “cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando” (HAN, 2015, p.38). Desta forma, a “um cansaço calado, cego, dividido, Handke contrapõe um cansaço falaz, vidente, reconciliador. [...] Restabelece a ‘dualidade’ que foi totalmente destruída no cansaço solitário. A gente vê e é vista. A gente toca e é tocada” (HAN, 2015, p.38).

No *Lança a Braba*, Neri (2022) explica que mudou sua linha editorial para um foco maior em sustentabilidade, pois chegou ao ponto em que não entendia mais seu lugar dentro das narrativas identitárias, relato interessante para pensarmos o quanto essas experiências influenciaram na sua decisão de continuar ou não a falar sobre as pautas iniciais e quantos criadores, desde 2015 até os dias atuais, também passaram por esse processo. Delgado (2022) também compartilha que decidiu focar em um segmento específico, como o universo *geek*, para tratar em seu conteúdo e prefere, quando os assuntos são mais complexos, indicar criadores negros que estejam engajados nas discussões mais teóricas e acadêmicas para tratar sobre determinadas pautas relacionadas a questões étnico-raciais. Neri (2021a) conta ao *Dia Cast* que, apesar de ter tido muito apoio, uma parte do público não gostou da mudança:

[...] a galera falou: “Nátaly ficou *soft*, parou de militar” e talvez eu tenha parado de militar [...], mas talvez eu tenha parado de falar das dores que me afetavam de uma forma imediata, [...] o tom era de quem estava com muita raiva e eu ainda tenho essa raiva [...], mas hoje eu tenho mais maturidade para lidar com isso e entender meus limites psicológicos [...]. (NERI, 2021a)

Isso nos faz refletir sobre o quanto conseguimos, enquanto grupos e indivíduos negros, compreender os limites individuais entre aqueles que fazem parte dos mesmos *grupos específicos* que os nossos e o quanto respeitamos esses limites e individualidades para além do que idealizamos sobre o que seria “liderança”, “protagonismo” e “representação” das nossas vozes e lutas. No *Divã da Diva*, a cientista social enfatiza que não tem como ignorar pautas que

lhe atingem e deixar de falar de questões sobre negritude ou LGBTQIAP+, mas aprendeu a fazer isso de forma mais saudável para ela e seu público (NERI, 2021b).

A forma como eu crio meu conteúdo hoje, [...] como vivo meu conteúdo hoje tá no limite entre o que preciso fazer, o que amo fazer e o que vou fazer para continuar sobrevivendo sem surtar. Porque eu não quero surtar, quero me manter feliz, [...] viva por muitos anos, gosto de viver, decidi isso. (NERI, 2021b)

No *Lança a Braba*, Neri (2022) diz que entendeu “que para criar determinado tipo de conteúdo você vai ter que colocar uma outra energia, uma outra força nele, e às vezes ela não cabe em todos os lugares, em todas as redes sociais e aí é infelizmente aceitar isso” (NERI, 2022). Conclui: “não consigo alcançar todo mundo, porque sou uma pessoa, dentro de um apartamento, com uma câmera na minha frente” (NERI, 2022). Neri (2022) conta que com o tempo aprendeu a lidar com as relações nas mídias sociais.

[...] a gente aprende que na internet as pessoas gostam de você, mas elas não te conhecem de verdade [...]. Isso fez com que eu tivesse uma visão muito racional de que todo ódio [...] é exagerado e todo amor também [...] porque para nós, que não nascemos confiantes o suficiente, porque faltaram referências, estrutura, base, uma porção de coisas por conta das violências que sofremos nesse país como mulheres negras, pretas, isso dói em um outro lugar. [...] é a primeira vez, talvez, que você tenha escutado que é bonita, porque você passou a vida inteira ouvindo que é feia e de repente você é muito legal. Sabemos como nossas bolhas são, nas nossas bolhas a gente é muito legal, muito inteligente, e aí você sai na rua e não é isso. Então, é importante entendermos e termos esse senso de que nós temos valor, somos interessantes, que legal essa comunidade que estamos construindo, que legal que possamos ser representativos, por mais que essa palavra tenha milhares de limites, também. Mas, ao mesmo tempo, tudo é exagerado, todo ódio é exagerado e todo amor é exagerado. (NERI, 2022)

Neri (2021b), no *Divã da Diva*, diz que hoje a busca por autonomia resume o seu trabalho na internet e está presente em todo o tipo de conteúdo e pauta que aborda em suas mídias sociais. A autonomia é a busca presente nos movimentos sociais e indivíduos contemporâneos, em especial quando a linkamos com a expansão do ciberespaço e a consolidação da Internet. Para Lévy (1999), “o movimento social e cultural que o ciberespaço propaga [...], não converge sobre conteúdo particular, mas sobre uma forma de comunicação não midiática, interativa, comunitária, transversal, rizomática” (LÉVY, 1999, p.134). A interconexão, as comunidades virtuais e a inteligência coletiva não “constituem um programa político ou cultura no sentido clássico do termo [...] [porém, os três talvez sejam] movidos por dois ‘valores’ essenciais: a autonomia e a abertura para a alteridade” (LÉVY, 1999, p.134).

Ao *Lança a Braba*, Neri (2022), ao falar sobre como encara seu papel na Internet hoje, diz que acredita que criadores de conteúdo, *ativistas digitais*, contribuem com debates que já estão postos, além de contribuir com novas discussões também. Para ela, hoje em dia é sobre

entender o lugar de cada um nessas discussões, compreendendo que sozinhos não é possível fazer nada (NERI, 2022).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escolher Nátaly Neri para estudar uma experiência *ativista digital*, a partir de 2015 – quando a Internet se consolidou como ferramenta de luta entre jovens ativistas e militantes no Brasil – até meados de 2022, este artigo tinha como objetivo entender as possibilidades e barreiras para atuação de indivíduos e grupos negros em uma sociedade conectada. Chamou a atenção o fato de que a apropriação das ferramentas digitais por parte dos movimentos sociais contemporâneos é bastante evidenciada, ao mesmo tempo que teóricos como Lévy (1999), Castells (2001) e particularmente Alcântara (2015), demonstram e apontam que ainda há uma carência de estudos que analisem o uso da técnica a partir do ponto de vista dos fatores sociais.

Com base na bibliografia estudada e nos relatos de Neri (2021;2022), é possível identificar que o *ativismo digital* é uma forma de atuação não só intrínseca no próprio desenvolvimento da Internet e do ciberespaço, como também se consolidou e ganhou potência com o surgimento das mídias sociais. Conseguimos perceber que a *web 2.0* e o desenvolvimento de redes sociais, fortaleceram a construção de comunidades virtuais, popularizadas pelo Facebook como grupos. Esta consolidação refletiu na forma com que *grupos específicos* negros absorveram essas ferramentas. Diante dos relatos de Neri (2021;2022) e do que diz Matos (2015), percebemos que estas mídias sociais se tornaram meios potentes de reivindicação e denúncia do racismo enraizado na sociedade brasileira, além de promover conexão e fortalecimento de grupos e indivíduos negros.

Como aponta Bentes (2015), a relação entre ativistas e militantes digitais com marcas ainda é uma questão difícil e que não tem uma resposta. Contudo, como aborda Pastori (2018), percebe-se que houve uma mudança no consumo, tornando o *consumerismo* uma tendência de mercado, fomentada pelas mídias sociais. Essa tendência tornou-se oportunidade para marcas, mas também para ativistas digitais, tanto em relação à pressão para mudanças estruturais de organizações quanto para a obtenção de renda. Com base nos relatos de Neri (2021a), conseguimos identificar como essa relação pode ser estratégica, com propósitos e objetivos específicos. Porém, Neri (2022) diz que nem todos os criadores e influenciadores digitais conseguem dizer “não” ao receber uma proposta de trabalho de determinadas marcas, e que estes geralmente são indivíduos de *grupos específicos*, o que nos faz perceber que a

desigualdade social e a estrutura racializada e sexista podem ser barreiras diante da tentativa de atuação por meio do sistema capitalista. Ao mesmo tempo, Neri (2021a) aponta como a consciência jurídica pode garantir os direitos destes, como o caso da Cláusula Moral.

Partindo da defesa de Trindade (2022) e das observações de Neri (2021;2022), a Internet se tornou espaço de ampliação de ações do ambiente não-digital para o digital. Deste modo, os fatores sociais fora dela, como a questão da desigualdade social, racismo e do sexismo sistêmicos, refletem nas ações dos indivíduos e grupos neste ambiente, assim como na forma como ele será usado e na exclusão de *grupos específicos* no processo de digitalização pelo qual estamos passando, já que o acesso à tecnologia no Brasil é caro, mas necessário para participar e existir na sociedade em rede. Assim, identificamos a importância de ações do Estado para garantir o acesso àqueles que estão em desvantagem e vulnerabilidade neste cenário.

A cientista social traz uma reflexão sobre a Era do Instagram que vale a atenção. De fato, podemos perceber que entre o período em que Neri iniciou seu canal, em 2015, e os dias atuais, em 2022, houve uma mudança no consumo das mídias sociais. Se naquele momento o Facebook, que era a plataforma de maior engajamento no país, reforçava a cultura das comunidades ou grupos virtuais, o Instagram, ao se consolidar, reforçou a narrativa do protagonismo, da imagem, do eu, do sucesso. Com base na abordagem de Han (2015), em uma sociedade do desempenho e motivacional, onde tudo podemos, a simples ideia de não conseguir corresponder a isso provoca angústia e culpa em seus indivíduos. Desta forma, podemos identificar, apesar de não conseguirmos nos aprofundar neste artigo, como essa nova fase da Internet potencializa esse contexto denunciado por Han (2015) e como impacta na atomização de lutas e narrativas negras por meio das mídias sociais, seja no cansaço e depressão de seus indivíduos, seja na desistência de ativistas digitais ou em sua desmotivação.

Um ponto chave entre os relatos de Neri (2021;2022) é a falta de base e estrutura. De forma objetiva, na falta de acesso às ferramentas e de ações do Estado para suprir essa carência. Assim como de forma subjetiva, no apoio familiar ou de *grupos específicos* na formação dos indivíduos, para lidar com um ambiente tão amplo e de discursos diversos, positivistas e de ódio, que se tornam gatilhos para traumas vivenciados e não cuidados ou não percebidos ao longo de suas vidas e até mesmo – em um momento de aumento de informações distorcidas ou falsas – para combater a possibilidade de formação de concepções erradas ou problemáticas em relação a si mesmos ou do contexto em que estão inseridos.

Vale ressaltar que percebemos ao longo deste artigo que, ao mesmo tempo que *grupos específicos* negros conquistaram novas ferramentas de luta e resistência com a Internet e as

mídias sociais, aumentando seu alcance, os grupos dominantes também absorveram essas ferramentas, ampliando seus discursos hegemônicos. Apesar do ciberespaço não possibilitar que estes tenham controle total sob ele, por não ser controlável como enfatiza Lévy (1999), observamos nos relatos de Neri e Delgado (2022) e de Trindade (2022) que *grupos específicos*, que vinham ganhando espaço nesses meios, se deparam com a reprodução de discursos hegemônicos ou da ampliação da estrutura racista aplicada ao virtual constantemente.

Atualmente, uma das discussões mais presentes sobre Internet é o quanto as mídias sociais afetam a saúde mental, dentro deste contexto estrutural, essa questão se torna uma das maiores problemáticas da sociedade conectada, em especial para indivíduos e *grupos específicos*, uma vez que o racismo vivenciado no mundo não-virtual é ampliado e potencializado no virtual, como aponta Trindade (2022).

Lévy (1999) defende que é importante acompanhar e participar lucidamente da transformação tecnológica, envolvendo-se em um processo de aprendizagem e aproveitando as oportunidades de crescimento e desenvolvimento humano, afirmando que o “desenvolvimento do ciberespaço não vai ‘mudar a vida’ milagrosamente nem resolver os problemas econômicos e sociais contemporâneos” (LÉVY, 1999, p.224), mas abre novos planos de existência a partir de como nos relacionamos, do conhecimento e do contato com a cultura.

[...] as grandes invenções técnicas não permitem apenas fazer “a mesma coisa” mais rápido, com mais força ou em escala maior. Permitem, sobretudo, que se faça, sinta ou organize de outra forma. Levam ao desenvolvimento de novas funções ao mesmo tempo que nos obrigam a reorganizar o sistema global de funções anteriores. (LÉVY, 1999, p.223)

Ademais, é possível observar que a Internet, mais especificamente as mídias sociais, são ferramentas que podem ser usadas de forma estratégica, por mostrarem ser potentes e possuir influência na formação de indivíduos dentro de uma sociedade em rede. Ao mesmo tempo, precisamos olhar mais atentamente para os efeitos desta influência em seu potencial positivo, mas também negativo. Mostra-se necessário nos atentarmos para as questões apresentadas para a elaboração de projetos sólidos e potentes, que aproveitem as ferramentas e a potência de cada indivíduo, com o objetivo de acrescentar às estratégias acumuladas por *grupos específicos* brasileiros ao longo do tempo e possibilitar ações em diferentes frentes.

## REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. PNAD 2016: população idosa cresce 16,0% frente a 2012 e chega a 29,6 milhões. **Agência IBGE Notícias**, 24, jan, 2017. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/18263-pnad-2016-populacao-idosa-cresce-16-0-frente-a-2012-e-chega-a-29-6-milhoes>>. Acesso em: fev. 2019.
- ALCÂNTARA, Lívia Moreira de. Ciberativismo e movimentos sociais: Mapeando discussões. **Aurora: revista de arte, mídia e política**, São Paulo, v. 8, n. 23, p.73-97, jun.-set., 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/22474/18888>>. Acesso em: mai. 2022.
- BARBOSA, Bernardo. **Número de brasileiros que se declaram pretos cresce no país**, diz IBGE. **UOL**. 22, mai, 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/05/22/ibge-em-todas-as-regioes-mais-brasileiros-se-declaram-pretos.htm>>. Acesso em: jun. 2019.
- BENTES, Ivana. Prefácio: Nós somos a rede social. *In*: MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013, p.9-16. Disponível em: <<https://www.editorasulina.com.br/img/sumarios/612.pdf>>. Acesso em: mai. 2022.
- BLACK, Igor. 15 milhões de meritocracistas. **Meio&Mensagem**. 21, mar, 2022. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/opiniao/2022/03/21/15-milhoes-de-meritocracistas.html>>. Acesso em: 23, mar, 2022.
- CANCLINI, Néstor García. [Entrevista concedida a] Gisella Meneguelli Sousa, Carmen Ferré-Pavia, Esmerada Monteiro. **Entrevista com Canclini**, Revista Cadernos de Estudos Sociais e Políticos, v.4, n.8, p. 120-128, jul-dez, 2015.
- CASTELLS, Manuel. A política da internet I: Redes de computadores, sociedade civil e Estado. *In*: CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 2001, p. 142-172. Disponível em: <[https://www.academia.edu/41717035/A\\_Galaxia\\_da\\_Internet\\_Manuel\\_Castells](https://www.academia.edu/41717035/A_Galaxia_da_Internet_Manuel_Castells)>. Acesso em: jun. 2022
- DI FELICE, Massimo. Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas. **MATRIZES**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 49-71, jul-dez, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v7i2p49-71>>, Acesso em: 23 mar. 2022.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- EXAME. Facebook ultrapassa oficialmente o Orkut no Brasil. **Exame**. 17 jan. 2012. Disponível em: <<https://exame.com/tecnologia/facebook-ultrapassa-oficialmente-o-orkut-no-brasil/>>. Acesso em: jul. 2022.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, Edição digital, 2015.
- MOURA, Clóvis. Organizações Negras. *In*: SINGER, Paul; BRANT, Vinicius de. **São Paulo: O Povo em Movimento**. São Paulo: Editora Brasileira de Ciências, 1983, p. 143-157.
- \_\_. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NERI, Nátaly. [Entrevista concedida a] Andreza Delgado. **Ao vivo com Nátaly Neri**, Podcast Lança a Braba, ep.64 (1h, 17 min e 5 seg), 2022. Disponível em: <[https://youtu.be/bO8Q\\_HI9LMw](https://youtu.be/bO8Q_HI9LMw)>. Acesso em: jun. 2022

\_\_. [Entrevista concedida a] Eduardo Camargo, Filipe Oliveira. **Divã da Diva com Nátaly Neri**, Podcast Divã da Diva, ep.02 (1h, 39 min e 10 seg), 2021. Disponível em: <[https://youtu.be/YB5ozoP\\_rOQ](https://youtu.be/YB5ozoP_rOQ)>. Acesso em: nov. 2021

\_\_. [Entrevista concedida a] Gabie Fernandes, Rafa Dias. **Nátaly Neri conta tudo sobre consumo consciente, Corrida das Blogueiras, projetos e mais!** Podcast Dia Cast, ep.30 (1h, 46 min e 28 seg), 2021. Disponível em: < <https://youtu.be/DtjrGyvEvDk>>. Acesso em: nov. 2021

OLIVEIRA, Dennis de. O combate ao racismo é uma luta anticapitalista. *In*: OLIVEIRA, Dennis de. **A luta contra o racismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fórum, 2017, p. 12-35.

PASTORI, Gabriela. **Consumerismo**: conceitos de uma nova forma de pensar o consumo. Medium. 25 set. 2018. Disponível em: <<https://medium.com/blogando/consumerismo-conceitos-de-uma-forma-de-pensar-o-consumo-8891accd8cb>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

PWC BRASIL. **O Abismo Digital no Brasil**. São Paulo: PwC Brasil, 2022.

TRINDADE, Luiz Valério. Discursos racistas migram para as redes sociais. *In*: TRINDADE, Luiz Valério. **Discursos de ódio nas redes sociais**. São Paulo: Editora Fórum, 2022, p. 69-92.

VIDA SIMPLES. Slow living: já ouviu falar? **Vida Simples**. 28 jul. 2021. Disponível em: < <https://vidasimples.co/transformar/slow-living-ja-ouviu-falar/>>. Acesso em: out. 2022.

## APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

**Entrevista:** Nátaly Neri conta tudo sobre consumo consciente, Corrida das Blogueiras, projetos e mais!

**Entrevistada:** Nátaly Neri

**Entrevistadores:** Gabie Fernandes e Rafa Dias

**Podcast:** Dia Cast

**Ano:** 2021

**Duração:** 1:46:28

A seguir serão transcritos apenas os trechos relevantes para o desenvolvimento deste artigo.

### **Desromantização da academia como decisiva para ir para a internet:**

NÁTALY NERI: [...] eu estava na academia e meu sonho era entrar em ciências sociais, desde o ensino médio eu descobri que queria fazer ciências sociais [...]. E eu descobri um ambiente muito violento, muito tóxico que é o da universidade, ainda mais se você vem de escola pública, ainda mais se você é uma pessoa racializada, ainda mais se você não tem um conto no bolso, porque eu vivia de bolsa auxílio permanência e várias outras coisas (obrigada, Lula).

NÁTALY NERI: [...] passei por um relacionamento muito abusivo com um orientador, abusivo profissionalmente [...] e isso é muito comum na universidade, essa hierarquia de professor e aluno [...]. Nesse momento eu parei de respeitar a universidade e nesse momento eu quebrei a bolha do que é esse conhecimento acadêmico e o que era esses professores universitários que eu admirava tanto [...]. E quando eu quebrei isso [...]. Aí eu falei: “O quê que me faz feliz? Essa porra não me fez feliz até agora, então eu vou fazer o que eu gosto, o que eu gosto? Eu quero produzir conteúdo, quero ser blogueira na internet”.

### **Missão e desejo com criação de conteúdo no início: Idealização da produção de conteúdo:**

NÁTALY NERI: Eu sempre consumi muito conteúdo, quem gosta de consumir conteúdo tem em algum momento uma pergunta, “o que eu faria se eu tivesse”, porque quem consome muito conteúdo aponta o dedo e fala: “não gostei, quero diferente” e isso faz a gente se perguntar: “se fosse eu, eu estaria fazendo diferente, mas o que?”. E durante muito tempo eu não tive resposta até que um dia eu estava na faculdade aprendendo um monte de coisa e aí eu me liguei e falei: “tenho que ensinar, então eu vou para a internet”.

### **A conexão com o público e seu crescimento:**

NÁTALY NERI: [...] no começo, a minha motivação inicial para criar conteúdo era tirar aquela dor que existia dentro de mim, que eu não consegui compartilhar, porque passei uma vida com várias violências ligadas a questões raciais principalmente e também sexuais, ligadas à minha sexualidade. E aí eu encontro esse espaço em que eu falo alguma coisa e tenho várias pessoas respondendo que passaram pelas mesmas. Então vira meio que uma grande terapia em grupo. Esses conteúdos que eu soltava tinham muito da minha dor, tinha muito desse momento que eu estava vivendo de nova convertida nos movimentos sociais [...] o novo convertido é cheio de energia, ele tudo faz, tudo acontece e você está naquele momento de primeira experiência, de primeira descoberta e quando é tão libertador como foi para mim, enxergar que os problemas que eu vivia não eram individuais eram coletivos, nossa, vamos evangelizar no movimento negro, no movimento de mulheres. [...] Virei uma missionária da palavra da militância, só que isso carregado de muita dor ainda, porque eu não estava lidando com aquilo, só estava engolindo e cuspidando de volta, então esse conteúdo acabava saindo um pouco emocionado. Ele era mais emocionado, ele era menos racional e muito mais emocionado. E aí a gente se conecta pela dor e pela raiva das pessoas, e a dor e a raiva é uma movimentação gigantesca, por isso eu cresci muito rápido, porque eu consegui no começo acessar um lugar de muita vulnerabilidade das pessoas, nos meus vídeos, nas coisas que eu falava.

NÁTALY NERI: De repente era um monte de gente só falando de dor e quanto mais as pessoas falavam de dor para mim, mais eu queria falar das minhas dores. [...] E a gente sabe que quando a gente vai fazer

aqueles cursinhos, tem lá como se conectar com a galera e eu estava fazendo tudo isso sem perceber que estava fazendo isso [...].

NÁTALY NERI: Então aquilo foi muito rápido e eu não vi acontecendo e a gente não tinha muita gente falando sobre tudo isso naquela época. [...] Me lembro até hoje, foi muito icônico. Eu já estava produzindo no meu canal e aí a Djamila Ribeiro foi no Conversa com o Bial e ela fala sobre o feminismo negro, de repente um monte de gente nova vem para o meu canal, porque eu acho que eles pesquisaram o termo na internet [...]. Há três anos atrás a própria Djamila tinha me dado uma palestra sobre mulher negra latino-americana na minha faculdade, porque ela fazia mestrado lá, e eu aprendi com ela. Foi um ciclo muito doido, de repente anos depois eu começo a produzir conteúdo sobre isso, vem uma galera, que se conecta com aquela dor e aí fica aquela bola de dor. E aí eu joga isso de uma forma emocionada e afetada, porque é isso, eu estava vivendo aquilo e tempos depois aquilo me consome.

### **Barreiras e estrutura psicológica para lidar com os temas étnico-raciais e o público:**

NÁTALY NERI: Eu não tinha estrutura psicológica para lidar com as minhas dores e as dores de milhares de pessoas me devolvendo aquilo na mesma medida.

NÁTALY NERI: Eu não tinha estrutura e aí eu passo por um momento muito tenebroso da minha vida, em que eu paro, eu quebro, não como, não tomo banho, fico desesperada com uma cobrança gigantesca, com um sentimento de que eu não vou conseguir fazer nada, porque de repente eu coloquei uma responsabilidade social nas minhas costas. “Eu tenho esse público, eu tenho que fazer alguma coisa” e sem nenhum tipo de parâmetro ou ajuda isso me consumiu e aí eu fui pela primeira vez atrás de ajuda psicológica, comecei a fazer terapia e na terapia eu me reconectei, porque eu tinha adotado uma outra persona nessa época.

NÁTALY NERI: Como eu me conectei muito com a minha dor, eu vivi de uma forma e eu me coloquei de uma forma no mundo, não só na internet, que era só sobre isso. Como a dor estava me dando comida, teto e esvaindo, tirando esse sentimento de mim, “então é a dor que me faz, é a dor que é minha personalidade”. De repente eu era só isso [...], eu tinha perdido a percepção sobre mim. E quando a gente cria na internet, a gente sabe que isso é muito fácil de acontecer, porque eu vi esse processo acontecendo, as pessoas não tem ideia que é muito fácil a gente se perder na persona que a gente cria [...], porque é uma parte da gente, mas não é a gente na nossa totalidade e como a gente trabalha o tempo inteiro, se a gente só alimentar aquela parte da gente, ela começa dominar o resto, depois você não sabe mais do que você gosta, você não sabe mais o que você faz, você só sabe ser aquilo que as pessoas vem na internet e não é uma mentira, mas também não é o que você é completamente.

NÁTALY NERI: E quando é uma espera que está te dando dinheiro, trabalho, preenchendo aquele vazio existencial que você tinha, te dando propósito de vida, nossa, aí que você mergulha de cabeça e você tá lá se esfolando e não tá vendo.

NÁTALY NERI: Depois desse processo eu expus, falei: “Gente, eu não estou bem, as coisas vão mudar no canal”, tanto é que a galera falou: “Nátaly ficou soft, parou de militar” e talvez eu tenha parado de militar [...] mas talvez eu tenha parado de falar das dores que me afetavam de uma forma imediata, naquele tom, não no tom, porque acho que o tom era de quem estava com muita raiva e eu ainda tenho essa raiva [...], mas hoje eu tenho mais maturidade para lidar com isso e entender meus limites psicológicos, então hoje em dia se algo me deixa com muita raiva [...], eu não vou ligar a câmera e gravar um vídeo. Eu vou botar aquilo ali escrito, vou trabalhar aquele sentimento e eu vou aparecer [...].

NÁTALY NERI: [...] o que acontecia, como aquilo era muito eu, era muito meu sentimento e aquilo era tudo para mim, quando eu colocava na internet e eu era criticada por aquilo, por pessoas da minha própria comunidade que tinham visões diferentes, aquilo me doía muito, mas doía muito porque estava muito afetado, porque estava muito presente e quando a gente tá comunicando com pessoas que a gente não sabe de onde tão vindo, você tem que ter um distanciamento para entender que pessoas pensam de formas diferentes e tudo bem elas questionarem você ou o que você está falando, eu não tinha essa maturidade. Hoje em dia, se eu tenho raiva de algo eu vou analisar, organizar. Dois meses depois, um mês depois eu solto esse conteúdo, porque eu vou ter racionalidade para produzir, eu vou ter um distanciamento emocional, porque eu sei que ele pode ser criticado, elogiado e nem o elogio e nem a crítica vai me subir à cabeça.

NÁTALY NERI: [...] eu tinha 21 anos e as pessoas estavam me colocando em um lugar de protagonismo que eu nunca tive, eu estava sozinha fazendo isso, não tinha ninguém para me falar “oh, não acredita na crítica nem no elogio, baixa sua bola”.

NÁTALY NERI: Eu era uma montanha russa. E aí depois que eu contei esse processo, entendi uma forma madura de me colocar na internet, de lidar com minhas dores, lidar com as discussões políticas que eu queria tratar [...].

NÁTALY NERI: Depois eu percebi que as pessoas começaram a chegar em mim e falar: “Nátaly, eu tinha medo de você”, não foi um criador, dois, três, foram vários criadores um atrás do outro. Eu fiquei: “Cara, as pessoas tinham medo de mim”.

NÁTALY NERI: Eu sempre fui muito contra esse ativismo [...]: “abraços grátis, vamos conquistar pelo amor”. Não, às vezes vai ter que dar umas porradas, pegar em arma, fazer guerrilha [...] e às vezes uma conversa também resolve. Acho que é um equilíbrio entre esses meios termos, mas amor não transforma nada, amor é sentimento, emoção, individual e a gente tá falando de coletivo. Só que eu entendi que talvez eu tenha mais possibilidade de conversar com mais pessoas, mas que triste as pessoas terem medo de alguém vivendo algo, expondo algo em um momento de necessidade e verdadeiramente de dor e sofrimento. Eu percebi que isso começou a definir [...]: “não quero que as pessoas tenham medo de mim”.

NÁTALY NERI: Hoje eu estou equilibra, tenho paz, hoje eu não tenho mais medo de falar o que eu penso, com o tom que eu acho que é relevante, mas quando eu comecei a descobrir que as pessoas tinham receio e medo de mim por conta das coisas e da forma como eu falava, eu tentei segurar e acabei calando a minha fluência e como foi bem na Era do cancelamento, lá na vanguarda, nossa! Aí eu tinha medo de falar qualquer coisa.

NÁTALY NERI: Eu estava lá no início do cancelamento inclusive [...], mas era em um momento que talvez o cancelamento não fosse sobre cancelar a pessoa e excluir a existência dela da face da terra, mas sobre responsabilizar alguém por atos absurdos. A pessoa é racista, está falando sobre questões racistas [...] e ninguém tá parando, vamos chegar lá e vamos falar, se ninguém faz nada e a pessoa não toma consciência sozinha, vamos esmurrar até ela calar a boca, mas depois você se resolve aí [...]. Então era tipo “vamos, galera” e depois a montanha voltando para mim e eu “não, calma, não é bem assim”. [...] era um movimento no Twitter, [...] e foi assim que a gente começou a falar com marcas, que estavam com uma pessoa preta só, ou marcas que estavam falando coisas absurdas no Brasil de 2018, 2019 na época, até antes disso, 2017. Só que de repente você pega esse movimento que quer pontuar coisas muito específicas e resolver esses problemas, porque não dá mais para continuar falando isso, e ele vira um grande movimento de destruição em massa de qualquer um que fale algo que eu não concorde [...].

### **Relação com mercado, marcas e cenário capitalista:**

NÁTALY NERI: [...] quando eu era uma criadora de conteúdo independente, a criação de conteúdo não era o meu foco, eu me sentia muito mais confortável para falar só qualquer coisa, de repente eu comecei a ter medo, justamente porque agora eu como, eu vivo, eu durmo com base nisso, eu preciso disso, só que ao mesmo tempo é um dilema, como assim? Eu vou calar minha voz, minhas dores e o que eu estou sentindo e vivendo, porque eu não quero perder dinheiro? Eu preciso viver, mas eu preciso continuar fiel ao que eu acredito. Eu passei por esse período de dilema: “o quanto eu falo? Será que o que eu falo vai atrapalhar o que eu preciso?”. Só que aí [...] eu tive a sorte e a alegria de ver o mercado mudar e de repente o feio é não se posicionar. E aí a gente tá aqui “glória, deus”!

RAFA DIAS: Você foi referência para muita gente (no sentido de não trabalhar com marcas que tenham posicionamentos contra o que defende e acredita).

NÁTALY NERI: Foi muito de um lugar de necessidade. Eu não tenho o privilégio de negar isso, não tenho o privilégio de viver de ar, eu não tenho de onde tirar comida se eu não usar isso para continuar me alimentando e estruturar esse espaço para continuar falando sobre as coisas que eu acredito, que eu sei que afeta a vida das pessoas positivamente, eu vou sumir, eu vou desaparecer. E aí o que a gente faz não é um se dobrar as marcas, se dobrar ao capitalismo e calar nossa voz, é ser muito crítico e usar isso estrategicamente. Então hoje eu tenho vários limites, que se eu não tivesse eu sei que eu estaria ganhando

pencas de dinheiro a mais, porque a gente fala mais “não” do que “sim”, mas esses limites são inquestionáveis. [...]

NÁTALY NERI: E aí, o capitalismo né? Quando você diz que você não quer porque aquela marca faz isso, eles vêm com o dobro e aí você fala “não”, eles vêm com o triplo, aí dois meses depois eles vêm com muito mais, parece que te testando: “quanto que vale a alma dela, quanto custa para ela abrir mão dos princípios dela?”, e ver isso, você olha aquela grana e pensa: “isso podia salvar minha vida agora”. Em momentos que você estava sem grana [...], mas eu acho que na internet a confiança que as pessoas têm na gente é fundamental. Você pode ganhar uma bolada de dinheiro agora e perder tudo o que você construiu por anos. Então você ir indo aos poucos e escolhendo muito bem a quem você vai se alinhar, entendendo se aquilo faz sentido ou não com seus princípios, entendendo também que aquilo não é a revolução. Uma marca não vai revolucionar o mundo, por mais progressistas e vanguardistas que sejam os temas que ela lide, mas aquilo vai te dar estrutura para você continuar fazendo aquilo que você acredita. E me deu, cheguei e paguei uma pós, um monte de curso, que eu não teria grana para fazer, e isso alimenta o meu canal, alimenta o meu conteúdo. Então para mim, o trabalho com marcas, mesmo sendo muito um dilema, às vezes psicológico, emocional, filosófico, ao mesmo tempo estrutura tudo isso que eu faço, sem isso eu não conseguiria fazer, porque não tem ninguém falando: “toma esse dinheiro e vai lá produzir conteúdo”.

NÁTALY NERI: Eu começo a pensar sobre isso no auge do meu primeiro contrato comercial, com uma marca que testava em animais. [...] eu estava voltada a pautas de gênero e negritude, era o que a marca estava falando na época [...]. Era uma marca de cabelo, eles tinham projetos sociais muito legais, que incentivavam muito meninas negras na periferia e eles realmente investiram muita grana naquilo, e eu estava muito voltada na área deste projeto. Aquilo para mim era gigante, só que eu olhava “testes em animais” e aí do nada eu comecei a pesquisar sobre isso e aí eu fazia perguntas para eles e eu não entendia as respostas, e as respostas eram “somos muito grande, não dá para controlar nada” [...] e eu estava no meio do meu contrato, não podia quebrar o contrato, porque eu precisava dele para sobreviver, então eu comecei a mudar maquiagem, mudar produto, comecei a me informar sobre composição, teste em animais e quando o contrato acabou eu dreado meu cabelo. [...] Se eu não tivesse dreadado meu cabelo eu teria me sentido coagida a continuar, porque eu precisava muito daquele dinheiro.

NÁTALY NERI: Foi um caos, eu já tinha um dinheiro guardado [...] mas eu falei é isso, vou pegar esse dinheiro que eu tenho aqui, vou juntar e vou continuar produzindo conteúdo que eu acredito e vai aparecer alguma hora alguma coisa, não é possível. No começo era um drama, porque era “não” atrás de “não”, porque de repente eu percebi que todas as marcas testam em animais [...], pelo menos em 2017. Muitas marcas pararam de testar em animais recentemente se você for parar para pensar, marcas grandes. [...] eu tinha um pé de meia, então eu consegui dizer esses “nãos” e a gente sabe que tem criador hoje, que infelizmente não consegue dizer esse “não” ainda [...].

NÁTALY NERI: Foi um processo de negar tudo. A gente via as quantias chegando, olhava aquilo e falava: “a casa própria não vem ainda, mas calma Jonas”. E aí a gente viu o mercado mudar, tanto do ponto de vista das marcas pararem de reclamar de criadores que se posicionam e começarem a desejar criadores que se posicionam, porque a gente tá vivendo um momento que é sobre isso, e também das marcas começarem a olhar para esse lado. Lógico que [...] tem muitas marcas que usam isso apenas como marketing, que não tá verdadeiramente interessada, mas aí a gente faz a nossa pesquisa, a gente tá lá olhando tudo, analisando tudo, fazendo reunião, perguntando, pedindo documento para entender as coisas e aí nesse ruma a gente vai se achando.

NÁTALY NERI: E às vezes nem só da estrutura, mas às vezes as marcas se envolvem num escândalo racista, de assédio no meio [de um contrato] e a galera vem na sua jugular [...]. Eu aprendi sobre as cláusulas morais e isso é maravilhoso nos contratos. Se a marca dá algum B.O. eu tenho o direito de não só parar de trabalhar com ela, sem pagar uma multa, como me posicionar contra e a gente não tinha essa liberdade em formatos de contratos anteriores e isso era muito ruim, porque às vezes, literalmente, a gente não pode falar e a gente pode levar um processo nas costas muito grande. Hoje em dia tem essa consciência jurídica de como a gente trabalha e de que a gente precisa dessa liberdade para se posicionar e falar é fundamental, inclusive é muito comum chegar uma cláusula “não falar sobre política”.

RAFA DIAS: E aí a gente fala vamos mudar essa cláusula, vários momentos a gente acha que a marca não vai aceitar e as marcas aceitavam.

NÁTALY NERI: Exato, porque elas estão vendo que não dá mais.

RAFA DIAS: A própria cláusula moral veio porque a marca colocou para a gente, se o influenciador fizer qualquer coisa, eu quero, como marca, me posicionar que eu sou contrário a isso, então a gente pode fazer a mesma coisa. [...] Nós como influenciadores, vocês são uma pessoa, consegue ter muito mais controle sobre as ações de uma pessoa e uma marca? Que são milhares de pessoas ali tomando várias atitudes.

NÁTALY NERI: Existem marcas, que a gente sabe, é um “não” atrás do outro [...]. É claramente um problema estrutural, biológico da marca e a gente sabe que não dá para trabalhar. Quando um influenciador se posiciona e diz “não” e o outro diz “não”, você muda esse mercado. Não dá para você evitar que as pessoas se posicionem contra o governo em 2021, né, gente?

NÁTALY NERI: No fim do dia, negar coisas absurdas, se posicionar politicamente tendo o alcance que a gente tem, é nossa obrigação enquanto pessoas que existem em uma sociedade e que estão vendo absurdos acontecerem e tão tentando influenciar de uma forma positiva. Então no fim do dia, a gente não faz mais do que a nossa própria obrigação, se posicionando politicamente e chutando a cara dessas marcas que estão delirando, achando que estão em um momento que a gente aceitava tudo. [...] a gente tá na era da influência digital, na cultura de influenciadores, que nós somos pessoas e como pessoas a gente tem valores, a gente não é essa mídia neutra, que a gente vai aceitar direita, esquerda, centrão e todo mundo junto. Então isso muda a comunicação também, de uma forma ou de outra, e esse é o caminho.

NÁTALY NERI: Mas não vai ser uma pessoa ou duas, que comprando ou não, vai mudar toda uma indústria [...].

NÁTALY NERI: Quando eu comecei a fazer meus vídeos sobre apropriação cultural, às vezes eu via uma pessoa na rua que me dizia: “Nátaly, eu tirei meus dreads por causa de você” e eu ficava: “mudou nada, mas é isso aí”, porque não era sobre ela, era sobre marcas de moda que estavam fazendo isso, sobre capas de revista. Tanto é que eu apaguei meu primeiro vídeo [...], porque eu acho que o conteúdo ficou muito pessoal, não era o objetivo, mas as pessoas entenderam, porque eu dei exemplo de pessoas [...] e aí eu fiz um segundo sobre o tema, que eu falei que a gente estava falando sobre o macro, sobre pessoas que tem a capacidade de influenciar e estão tomando decisões erradas, estão usando de elementos e não só usando dreads e tranças quando viram hype, mas sei lá, religiões de matriz africana e de repente uma marca desfilando no São Paulo Fashion Week com várias guias de orixás. Não faz sentido, porque você está pegando de uma representação religiosa, que é muito importante para determinado tipo de pessoa e usando isso para vender, se apropriando de um discurso, de algo que é sagrado para alguém. Não vai ser uma pessoa deixando de comprar que muda as coisas, mas eu acho que a gente como influenciador tem alguma responsabilidade em às vezes só pensar: “O que que dá para fazer que reduz danos, esse é o melhor lugar, não tem um lugar no meio do caminho menos pior?”

### **Internet como espaço de aprendizado:**

NÁTALY NERI: Em defesa também de muitos professores, depois dessa experiência eu tive outra que me salvou e me deu certeza do que eu faria. Os professores da área de educação, que é a galera que conhece gente, que tem didática, que quer ensinar a gente, pensam de outra forma. Eu lembro que esse professor um dia assistiu o meu canal e botou um vídeo no meio da reunião do PIBID, que era um programa de iniciação à docência, para a gente aprender a dar aula. Não era mais pesquisa, porque eu falei: “se pesquisa me entristeceu, eu vou aprender a dar aula”. Eu queria continuar a faculdade mesmo estando na internet. [...] Eu lembro que esse meu professor colocou meu vídeo para tocar na sala [...], ele achou muito legal.

NÁTALY NERI: [...] e esse professor assistiu esse vídeo e falou: “Foi muito legal isso, foi genial”. Um dia eu tive que sair mais cedo para fazer uma palestra na Unicamp, sobre produção de conteúdo, [...] e aí nesse dia ele falou assim: “Nossa, parabéns pelo que você está fazendo”, e eu sempre recebi indireta no meio de aula: “Parabéns pelo que você tá fazendo, há mais de 20, 30 anos eu produzi e publiquei a

tese da minha vida, com todas as minhas reflexões e todos os meus trabalhos e eu não vendi nem 80 cópias". E aí, o que ele quis me falar com isso é que às vezes a gente gasta tanto tempo produzindo e pensando na academia e no fim a gente só tá falando com a gente, no fim a gente só tá produzindo para a gente e o fato de você conseguir usar a internet para, mesmo que do teu jeito, estar levando essas informações para uma quantidade gigante de pessoas, é muito legal.

NÁTALY NERI: Claro que a pesquisa é fundamental, mas isso me tocou muito, foi nesse momento que eu fiquei: “Caramba, nunca vou esquecer isso que meu professor me disse”. Então também existem professores que estão verdadeiramente comprometidos em fazer alguma mudança.

NÁTALY NERI: Antes eu achava que brechó era revolucionário [...] e com o tempo as pessoas foram me dando esse feedback: “Nátaly, eu fui nesse brechó que você mandou e não tinha roupa para mim [...], eu visto um 40, 56, uma numeração plus size e não tinha”. Eu também falava: “só garimpar gente, tem momentos que você vai entrar no brechó e você não vai encontrar nada”, aí a pessoa falou: “olha, eu trabalho 12 horas por dia, eu não tenho tempo”. [...] Eu comecei a entender que você também precisa de tempo, de uma visão de moda, entendi que às vezes você vai encontrar roupas no brechó furadinhas, rasgadinhas, manchadinhas, que quando você tem dreads verdes, trabalha na internet, você bota uns pins ali, uns negócios e é estilo, mas às vezes se você já é um corpo violentado, se você já é um corpo estereotipado, como o de uma mulher negra, e você vai na sua primeira entrevista de emprego com um blazer gastado dos anos 80, 90 que você achou num brechó, não. E aí eu comecei a pesquisar sobre slow-fashion, porque se o brechó não é a única alternativa, ele é uma opção [...], mas ele não é a revolução que eu achava que ele era para mim, um corpo magro, que tinha tempo livre para garimpar o dia inteiro.

NÁTALY NERI: Acho que essa é a magia da internet, você tem uma visão e de repente você fala essa visão para alguém e alguém tem outra visão e isso soma na sua [...]

NÁTALY NERI: [...] ao mesmo tempo eu entendo que as pessoas ainda não têm condições no Brasil de consumir slow-fashion, então aí, às vezes, o brechó é a outra alternativa [...]. Você consegue comprar de um pequeno produtor hoje, de uma pessoa que está produzindo na tua rua ou nacional e que está fazendo uma coisa responsável? [...] [Caso não] [...], então entre em uma loja fast-fashion [...], porque você precisa comer, viver, ter dignidade.

### **Sua percepção sobre a internet e o contexto atual:**

NÁTALY NERI: Esse é o momento que eu estou mais angustiada com o rumo da internet, fazia tempo que algo não me magoava [...]. Normalmente as coisas me deixam com raiva e revoltada, com vontade de chutar as coisas, mas um mal estar e uma angústia foi uma das primeiras vezes que eu senti isso com o rumo das coisas, principalmente depois do Meta, metaverso que foi anunciado. [...] Por que as pessoas estão querendo avançar e o que é avanço tecnológico? Para que serve? Qual o problema que ele resolve?

NÁTALY NERI: A gente acabou de vir de uma pandemia mundial em que as pessoas perderam contato, a possibilidade de trabalhar e de estarem próximas [...] e ficaram totalmente submersas em um ambiente virtual. E muitas dessas pessoas não tiveram condições, porque não tinham acesso à banda larga, 4G, internet, equipamento. E a gente viu isso acontecendo e prejudicando grande parte da população brasileira. De repente você tem o nascimento de um novo movimento mundial, em que a digitalização é o futuro [...] é pegar tudo isso que a gente viveu e transformar em produto e expandir a décima potência.

NÁTALY NERI: Pra mim a internet é um rolê muito confuso, porque ao mesmo tempo que é algo que salvou a minha vida e que hoje em dia eu trabalho, vivo e tive a oportunidade de aprender coisas de graça e tenho oportunidade de ensinar coisas de graça, se você assistir O Sistema das Redes você chora toda vez que você pensa na internet, é desesperador, é o que eles falam no documentário, se você não paga para usar a rede social o produto é você, nada é de graça.

NÁTALY NERI: Agora a gente tá vendo como está expondo as desigualdades. Você, se não está lá, está ausente. A tiktokização das profissões, se você não tá produzindo no TikTok você não é relevante no seu meio, você não é um bom profissional. Isso começa a ser muito injusto, porque a pessoa tem uma carga de trabalho dupla ou tripla e agora você tem a efetivação desse ambiente, que você é obrigada a estar no digital e a gente sabe que custa. Então quanto que vai custar esses óculos de realidade aumentada

se você quiser estar nesses espaços [...]. Tem sido dito que isso cria novas elites de novo, quem vai chegar primeiro, quem vai ter dinheiro para comprar primeiro e fazer um avatar incrível primeiro.

NÁTALY NERI: E ao mesmo tempo que eu acho que isso é muito positivo e essa é a contradição, porque a gente vai poder falar em uma sala com pessoas de outro lugar do mundo, como que isso serve a um propósito mais global e democrático? É muito confuso e isso me angustia demais. Eu lembro que o Instagram no começo era só para quem tinha iPhone [...], e é muito doido perceber esses limites que são financeiros e estruturais. E para o mundo, os EUA, é isso gente, o povo lá tá de boinha, mas aqui que tecnologia é cara, que a gente tem uma das bandas largas mais caras do mundo, é muito preocupante.

NÁTALY NERI: Eu estou começando a ver umas coisas, que a gente começa a ficar analfabeto digital. Blockchain, Criptomoedas, e aí eu comecei a tentar entender o que era isso. Descobri um rolê que se chama NFT [...]. É um rolê que a internet também está dividida. Você desenvolve dentro desse mundo de Blockchain, que eu não entendo direito o conceito, estou estudando, mas você desenvolve um código exclusivo e você dá esse código a algum item digital. Então, vamos supor que você é um artista, você fez uma arte digital e você deu um código. Isso é super legal, porque não quer dizer que tá na internet, que é de todo mundo, se o cara fez a arte digital dele, ele que venda, que faça o que quiser com essa arte. Só que aí estão usando esse código, esse NFT [...], para colocar em memes. [...] a galera desenvolve um código que garante que aquele meme é original e alguém leiloa aquele meme e as pessoas compram aquele meme, mas aquele meme já está espalhado na internet e todo mundo tem aquele meme, então qual o sentido de você criar um código de originalidade para um meme, que já é de domínio público? Uma das justificativas era só para a pessoa dizer que ela tem o original.

NÁTALY NERI: A gente vive num processo, talvez, de acesso e democratização. Se um dia a internet for considerada um bem comum, que você tem acesso a comida, saúde e internet, porque você tem acesso a trabalho, porque esse é um caminho, já que todo mundo tem que estar no metaverso, vamos entrar com política pública para enfiar banda larga na casa de todo mundo e celular e transformar isso em um bem fundamental.

NÁTALY NERI: [...] quando você tem pessoas que dentro de um contexto em que você tá indo para uma divulgação ampla de coisas, de democratização de informação, com vídeos gratuitos [...] de repente você tem pessoas pagando milhões de dólares para dizerem que são donos de um meme, você está de novo mobilizando todas as ferramentas, que poderiam sim serem incríveis, para criar novas elites. E isso me deixa assustada demais [...]. E o metaverso se constrói em cima de todas essas novas coisas, que a gente não entende ainda. [...] Porque é isso, se todo mundo pode ter acesso a tudo de graça, como as elites se diferenciam? Dinheiro. Então você pega um meme, que é um bem comum, que as vezes a gente nem sabe se é [...] e você define uma nova elite, que é colecionadora de memes e ela tem o direito sob aquele meme e não vai mudar nada, porque todo mundo tem uma cópia no celular e manda no WhatsApp, mas ele é o dono do meme e às vezes a pessoa não pode nem reproduzir a imagem, se fosse ela pode botar essa imagem em camisas, vender produtos, não, às vezes ela nem pode, é só para dizer “eu sou dono desse meme”. E quando eu fui olhando isso, eu comecei a sentir uma angústia muito grande, porque como é que as pessoas estão direcionando todo esse potencial?

NÁTALY NERI: As ferramentas estão aí, como é que você as utiliza? Eu acho que esse é o ponto e eu acho que nesse sentido a nossa responsabilidade enquanto criadores e pessoas [...]. Eu estou falando, mas a gente vive nesse ambiente, a gente sabe que vai ter uns rolês lá, o Rafa vai dar o fim de ano da Dia no metaverso e a gente vai ter que ir para lá. Mas ao mesmo tempo, como a gente pega isso, com esse movimento que tá tentando limitar e excluir mais pessoas, como que a gente transforma? Essa pergunta não tem resposta, mas a angústia tá aqui.

GABIE FERNANDES: Cada vez mais a gente tá caminhando para cada um ficar sozinho na sua casa e ao mesmo tempo que existe tudo isso, existe uma vontade meio que global das pessoas se conectarem mais com a natureza, todo mundo saiu dos seus apartamentos [...].

NÁTALY NERI: E esses são os movimentos que contrabalançam.

## APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

**Entrevista:** Divã da Diva com Nátaly Neri

**Entrevistada:** Nátaly Neri

**Entrevistadores:** Eduardo Camargo e Filipe Oliveira

**Podcast:** Divã da Diva

**Ano:** 2021

**Duração:** 1:39:10

A seguir serão transcritos apenas os trechos relevantes para o desenvolvimento deste artigo.

### **Missão e desejo com criação de conteúdo no início: Idealização da produção de conteúdo:**

NÁTALY NERI: [...] a consciência de que isso é o meu trabalho e por isso eu devo estar aqui, com unhas e dentes, ainda é difícil para mim. [...] Foi um hobby no começo, diferente de vocês, eu comecei a criar conteúdo porque eu acreditava no que eu queria falar. Ainda acredito, claro.

EDUARDO CAMARGO: E você acreditava que podia mudar muita gente...

NÁTALY NERI: Era só o que eu acreditava, eu era uma romântica. [...] E no começo, eu tinha muitas ambições. Eu achei que ia criar muita coisa, porque era sobre alcançar pessoas. E se o problema do mundo é sobre falar com alguém que não entende algo, eu vou estudar para ser didática e eu vou falar com essa pessoa. [...]

NÁTALY NERI: [...] quando eu percebi que: “Nossa, eu estou delirando, eu posso fazer algo, mas não sozinha”. Inclusive, querer fazer sozinha é de uma imaturidade sem tamanho. Aí, como diria Tia Má, tirei o sapatinho e botei o pé no chão [...]. E entendi que [...] eu preciso entender ainda como eu fico confortável e feliz aqui, mas ao mesmo tempo alimento meu propósito. E aí, foi entendendo que [...] não ia ser na internet que eu ia realizar os meus sonhos. Então, eu tenho outros planos, que são fundamentais no meu trabalho na internet hoje, que eu preciso disso para que eles se realizem, mas não é isso ainda. Então é meu trabalho, mas não é o meu propósito de vida, que vai chegar, não sei quando, mas vai. [...]

NÁTALY NERI: Uma coisa que eu descobri, que as pessoas não percebem, pelo menos quem assiste, é que produzir conteúdo é muito solitário. [...] Porque é você pensando sozinho e supondo sozinho o que o seu público vai achar e pensando, antes do seu público supor, o que vai entregar. E de repente, você tem uma ilusão de que você tá falando com multidões e isso vai mudar tudo. E você olha e fala: “Não, eu estou falando sozinha, com uma câmera no quarto o dia inteiro!”. Isso é legal, mas também bate na realidade. E a pior parte, eu acho, é o olhar do outro sobre você. [...] O que eu mostro na internet não é o que eu sou. [...] é uma parte de mim.

NÁTALY NERI: Eu acho que existe uma racionalidade que é necessária quando a gente está lidando com coisas que são grandes demais. A internet é grande demais. A gente acha que a gente vai dominar o mundo e que a gente tem poderes sobrenaturais, e eu já estive nesse lugar. Então, uma visão mais racional do que a gente pode fazer aqui e dos limites me ajudaram a conseguir produzir feliz. Se eu ainda tivesse aquela visão megalomaníaca de tudo que eu poderia fazer hoje na internet, se tivesse inclusive dando as coisas gigantes que meu público na época queria que eu continuasse dando, eu já não existiria. [...] Eu queria ser professora, então para mim, o meu desejo máximo é olhar nos olhos das pessoas e eu não olho nos olhos de ninguém na internet e isso me dói. Então, eu acho que é muito uma questão do que você quer. A internet me ajuda a falar com muita gente, mas como eu junto todo mundo em uma grande sala? Então esses são os meus planos para o futuro. Não em uma sala, não vou dar aula, porque faz tempo que eu não pego num livro...

### **Criação de conteúdo hoje:**

NÁTALY NERI: Hoje em dia, por exemplo, eu prefiro investir mais em alguns projetos [...], em conversar uma coisa grande, chamar pessoas. Eu estou com alguns planos. [...] eu fiz o documentário Negritudes Brasileiras, depois de um tempo que eu fiquei sem produzir. Mas era isso, pegar energia e

fazer uma coisa grandona e legal. E aí, agora eu vou fazer outras coisas, que eu não vou falar. [...] E eu acho que é direcionar essa energia, que antes eu queimava muito a cada vídeo e ficava perdida.

NÁTALY NERI: Eu assumi que eu também estou sempre aprendendo. A forma como eu crio meu conteúdo hoje, a forma como eu vivo meu conteúdo hoje tá no limite entre o que eu preciso fazer, o que eu amo fazer e o que eu vou fazer para continuar sobrevivendo sem surtar. Porque eu não quero surtar, quero me manter feliz, quero me manter viva por muitos anos, gosto de viver, decidi isso.

NÁTALY NERI: Eu acho que uma palavra que resume o que eu faço hoje, e que nunca muda, é busca por autonomia. [...] autonomia mental. Minha capacidade de entender os meus sentimentos e julgar como eu me sinto sem me deixar influenciar pelo mundo. Quando estou falando sobre as coisas que aprendi na faculdade, as coisas que não sei, as coisas que estou pesquisando, estou pensando numa autonomia intelectual. Quando estou falando sobre como cuidar do meu cabelo dreadado, porque eu acho que não tem tanta informação, ou sobre como montar o meu estilo com roupa de brechó, estou falando sobre uma autonomia estética. Então, no fim, a autonomia resume tudo. Como a sustentabilidade, ela acaba sendo uma forma e uma ação intencional em cima de algo, seja na reciclagem, na reutilização, no não consumo de carne, para mim, sustentabilidade é autonomia.

NÁTALY NERI: Eu sei que eu passei por um processo de racionalização dos meus processos internos. Então, se vou consumir um negócio, estou pensando no veganismo, na sustentabilidade, to pensando em várias outras pautas, quem faz, porque faz. E acho que nem todo mundo pensa assim, quer pensar assim ou se interessa por isso. E não gosto de no meu conteúdo incentivar a culpa. [...] Eu não acho que é um caminho [...]. Não vindo de mim, de uma youtuber. Se viesse, sei lá, de uma grande indústria, dos governos [...], um sonho, uma utopia, porque isso não vai acontecer tão cedo, infelizmente. Mas vindo de mim, uma pessoa que quer conversar com você, acho que plantar a culpa pela pessoa consumir não é tão legal. Então, o que passo é informação do porque isso aqui é interessante. Mas no fim do dia, é sobre economia, consumir roupa de brechó é ver que tem peças muito boas, da década de 80, 90 [...], início dos anos 2000 que tá voltando [...]. Então, eu acho que existem várias possibilidades, quando eu falo, sei lá, sobre veganismo, não sobre plantar a culpa.

NÁTALY NERI: “Ah, então quer dizer que se você mudar uma pessoa, você muda o mundo?” Não, mas a gente vai passando informação. A gente vai reeducando as pessoas. [...] Eu acho que é como enxergo meu papel na internet hoje. Porque quando eu queria mais do que isso, estava ficando: “Eu nunca vou conseguir, vai ser difícil demais!”. Aí, eu falei: “Então o que eu posso fazer? Eu posso falar com as pessoas sobre o que eu acredito, sem plantar a culpa em ninguém e mostrando opções”. Então, hoje em dia, eu me enxergo, figurativamente, como uma grande ponte. Eu estou no meio, estou aqui e estou aqui. Aí, falo: “Vem, passa aqui, que tal conhecer?”. Se a pessoa fala: “Ah, hoje não, Nátaly”. Eu falo: “Tudo bem então”. [...] E às vezes é isso, só de vocês falarem: “A gente olhou de outra forma”, nossa, é exatamente isso que eu queria com meu conteúdo.

### **A conexão com o público e seu crescimento:**

NÁTALY NERI: Quando entendi que eu era um robô na internet e as pessoas não me conheciam, aí falei: “Como é que me mostro? Vlog. Blogueira faz vlog. Eu vou fazer vlog de quê? Minha vida é chata”. Aí, falei: “Já sei, vou arrumar um B.O. pra lidar, porque a gente tá fazendo terapia pra isso”.

FILIPE OLIVEIRA: As pessoas gostam de acompanhar o B.O. da sua vida, porque elas querem saber a resolução.

NÁTALY NERI: Exato.

NÁTALY NERI: [...] a gente tem dificuldade de se mostrar assim, humano, errando, e fazendo as coisas e não dando certo. Mas aí quando as pessoas... Os vídeos que eu coloquei, que apertei publicar só porque tipo, “meu, eu não tenho vídeo e nesse vídeo eu estou muito ruim, tá muito ruim...”, foram os vídeos que as pessoas mais se conectaram. Eu falei: “Ou seja, tá todo mundo perdido também”. E a gente não acha isso, porque é isso, né? Era do Instagram: Vida perfeita, todo mundo lindo, sorrindo...

NÁTALY NERI: Eu só consegui terminar meu TCC quando comecei a falar sobre ele na internet, porque é isso, as pessoas acham que a gente as ajuda, mas são vocês que salvam a gente. Porque o fato das pessoas começarem a mandar foto delas também fazendo TCC no meio da madrugada, enquanto eu

estava no café... Eu só fiz meu TCC, porque eu comecei a expor na internet, foi mágico. Foi isso, e é muito doido, porque é uma via de mão dupla, por mais que pareça que a gente fale mais. Mas, meu, o que as pessoas mostram, se conectam, o que elas compartilham com a gente, por mais que às vezes a gente não consiga responder todo mundo, é surreal, muda tudo. Eu passei nove anos na faculdade, gente, como entreguei o TCC em um mês, no meio da pandemia? Porque o povo estava me alopando na DM, tipo: “Vamos terminar, Nátaly!”.

### **Barreira e estrutura psicológica para lidar com os temas étnico-raciais e o público:**

NÁTALY NERI: [...] eu vivo com uma dupla personalidade na internet. Metade das pessoas que me conheceram no início do meu trabalho na internet tem medo de mim e acham que eu sou muito brava. E outra metade, que me conheceu pós aromaterapia, ASMR, acha que eu sou uma santa, calma. E na verdade eu sou a mistura desses dois mundos. [...] É muito comum na internet a gente escolher uma parte nossa que a gente quer colocar e destruir.

NÁTALY NERI: Eu sempre fui a mesma pessoa, só que escolhi mostrar uma parte de mim. [...] eu sempre acompanhei muito YouTube. [...] uma geração que cresce consumindo sempre pensa: “Nossa, eu gostaria muito de ser youtuber”. [...]

NÁTALY NERI: [...] naquela época, eu pensava: “Quando eu entrar na internet vai ser para falar algo, não vou envolver a minha pessoa”. Então, fiz um estudo de como não me envolveria, me envolvendo. E fiz um planejamento, por isso que o canal era Afro e Afins, porque eu queria falar sobre negritude e afins, e outras coisas. [...] Só que isso me desumanizou. As pessoas não tinham um pingão de carinho, cuidado, empatia comigo.

EDUARDO CAMARGO: Quando tinham que te cobrar alguma coisa...

NÁTALY NERI: Era violento. Eu não segurei a barra, porque [...] não tinha feito terapia até então, não sabia o que era saúde mental. Enquanto uma cientista social [...], eu estava na faculdade, então estava aprendendo um monte de coisa. E para mim, eu nunca fui muito emocional.

NÁTALY NERI: Eu não era eu, eu me desfiz do meu corpo [...], me tornei o meu corpo político, eu era isso. Tanto é que [...] não conseguia assistir TV com os meus pais. Fiquei insuportável por um tempo. Perdi todas as minhas amizades. E foi um processo que todo mundo passa, mas eu radicalizei muito e me fez mal. Porque de repente eu não tinha para onde voltar, não tinha onde descansar, porque eu tinha destruído essa parte da minha personalidade. Hoje assumo: eu amo Diário de um Vampiro [...], amo Meninas Malvadas, Gossip Gril. [...] Eu tinha muito desconforto em aceitar que era uma pessoa comum. [...] E para mim era: “Eu estou aqui nesse processo de reflexão, então sou só isso, sou uma cabeça reflexiva”.

NÁTALY NERI: Eu fiquei muito doente e percebi que não ia segurar a barra de lidar com as minhas dores e com as minhas feridas sem nenhum tipo de auxílio, acompanhamento. [...] quando você fala na internet, as pessoas esquecem que você é uma pessoa com um RG, com sonhos, com medo. E até quando a gente tá falando de temas cabeçudos, tipo negritude, gênero, a gente tende a racionalizar, mas aquelas feridas me doem, eu estou vivendo aquilo.

NÁTALY NERI: Teve um vídeo que fiz sobre uma treta que estava tendo na Cracolândia, em São Paulo, fui pegar a estatística de assassinato de jovens negros e aí vi que o meu irmão estava exatamente na idade [...], dentro daquele dado e chorei por três dias, parei, gravei o vídeo e depois passei uma semana em pânico. Aí, falei: “Eu preciso de terapia, preciso recuperar o prazer em produzir conteúdo e preciso entender como eu vou me posicionar e trazer as pautas que acredito de uma maneira que me faça bem”. E que faça bem para as pessoas também [...].

NÁTALY NERI: Uma coisa é você estar em uma redação, ou você ser um portal de notícias, que você tem várias pessoas [...], você não tem uma pessoa do Quebrando Tabu, você tem 50 pessoas, que estão atrás de todas as tretas do momento e juntando para você.

FILIPPE CAMARGO: Mas quando é o seu canal é só você, né?

NÁTALY NERI: Exato! E aí segura essa luta. Segura com força. [...] as pessoas se aproximaram de mim quando mostrei a vulnerabilidade, que estava tudo uma merda. Eu falei: “Nossa, eu achei que as

peças não iam querer mais me ouvir”. Eu achei que elas: “Ah, ela é burra então, tchau”. E foi [...] até arrogante da minha parte achar que as pessoas queriam alguém que sabia tudo. E quando eu percebi que mostrar os processos e que eu também estava aprendendo, chorando, também estava ficando doente e estava procurando uma forma de melhorar, nossa, aí abri a porteira. Aí foi de The Sims, ASMR...

NÁTALY NERI: A gente nunca ignora quem a gente é. A gente nunca deixa de falar que a gente é LGBT, que a gente é preto, no meu caso. Sempre estou trazendo as pautas que eu acredito, mas como faço isso de uma maneira que seja gostoso para mim e para quem tá assistindo? Porque no fim do dia [...], as pessoas têm que olhar o que a gente faz e ver que a gente tem paixão e interesse. Porque recebi mensagens, óbvio que algumas pessoas falaram: “Eu te preferia antes” e tal. E é isso, é uma linha editorial que eu tinha e agora eu tenho outra.

NÁTALY NERI: Eu sinto orgulho desse conteúdo, é um conteúdo que volto... [...], mas eu olho às vezes com dor, porque sei como eu estava para gravar aquilo. Então para mim é meio difícil. [...] Eu lembro que ia nos eventos do YouTube e as pessoas falavam assim: “Aí, porque posto um vídeo e já estou pensando no outro”. E eu ficava: “Como? Pera aí, mas você não fica chorando com os comentários depois? Como assim? Que liberdade é essa?”. A liberdade é de quem tá criando numa boa. De quem também, óbvio, não toca em pautas delicadas. Mas como consigo equilibrar isso? E o legal foi descobrir que as pessoas também se aproximaram mais de mim, porque estava todo mundo nesse mesmo lugar [...].

NÁTALY NERI: Teve uma época que começaram a falar que eu não era negra. [...] E era uma época que eu estava muito aberta a ouvir críticas. Eu sempre estou aberta a ouvir críticas, mas naquela época eu tinha muito uma humildade de quem ainda estava na graduação. [...] E aí eu falei: “Tá, essas pessoas estão dizendo que eu não sou negra. De onde isso está partindo?” Eu só devia ter falado: “Ah, gente, vai se ferrar, olha minha vida, olha tudo o que passei”. Não decidi que era negra e sofria racismo quando vim pro YouTube. Eu vivo isso há mais de 20 anos [...]. E depois começou um movimento entre a galera. Porque a gente passa por esses momentos de questionamento e a gente tem o colorismo como uma pauta fundamental no Brasil, que pessoas de pele mais clara realmente estão em um lugar de violência menos evidente do que pessoas mais escuras. Isso é uma pauta importante, mas quando personaliza e a pessoa te aponta o dedo e fala: “Você não é negra”. Não faz muito sentido para mim. [...] Na época, eu comecei a olhar no espelho e me via branca [...] chegou num ponto que eu ia comprar uma base e a base era dois tons mais claro, porque eu achava que era daquela cor. Eu distorci, eu tive uma distorção de imagem. Mas alisei o meu cabelo a vida inteira, nunca passei de branca, mesmo sendo uma pessoa clara. E aí, quando minha terapeuta pegou minha mão e falou: [...] “Oi? Lembra o que você viveu?”. E aí a ficha caiu, e aí eu fiquei muito assustada com o poder da internet. Muito assustada em como quando a gente tá vulnerável e escuta algumas coisas, a gente vai pro fundo do poço.

NÁTALY NERI: Eu acho que no começo eu era muito vulnerável. Eu não entendia o que eu fazia, quem eu era, pra onde eu estava indo.

### **Relação com mercado, marcas e cenário capitalista:**

NÁTALY NERI: Eu acho que o mercado mudou muito. De uns anos para cá, nem foi agora [...]. Quando a gente começou a falar muito sobre diversidade e forçar muito, e isso veio com a gente, as marcas começaram a tipo: “Opa!”. [...] a gente começou a trabalhar. Tanto é que vários de nós trabalhamos há muito tempo com pautas identitárias, LGBT, negritude, gênero, mulher, enfim.

NÁTALY NERI: Eu acho que fui muito cancelada em um período do meu trabalho, quando comecei a trabalhar com marcas. Eu não era vista por marcas e me matava para produzir conteúdo [...]. O mercado não estava preparado para as pautas que eu lidava e nem tinha marcas que queria se alinhar a elas e a mim também, a minha imagem, aos meus discursos. E eu não ia abrir mão de falar sobre as coisas que eu pensava. Então eu vivi muito tempo produzindo conteúdo do meu bolso. E fazia muita trança, divulgava o meu trabalho como transista.

### **Internet como espaço de aprendizado:**

NÁTALY NERI: Eu não tinha o filtro da crítica construtiva, só aceitava todas as críticas. Hoje em dia, gosto quando as pessoas falam do meu trabalho, porque isso me faz melhorar. [...] Quando a gente pensa

dentro da nossa mente, ou quando a gente passa muito tempo com alguém próximo da gente, a gente começa a pensar igual. E às vezes o que a gente precisa... tem uma frase que escutei uma vez em um evento super chique, o SXSW, que fui lá no Texas [...], assisti uma palestra de alguém que não faço ideia de quem é, então até hoje dou essa frase sem créditos [...], em algum momento ele falava: “É preciso ver o novo para criar o novo”. Não criamos nada novo se estamos vendo as mesmas coisas todo dia, se estamos conversando com as mesmas pessoas todo dia, pensando das mesmas formas [...], de repente eu estava num processo muito academicista e assistir Diva Depressão me clareava a mente e eu tinha ideias, pensava de outras formas.

**NÁTALY NERI:** Uma coisa que eu percebi muito nesse negócio de me expor na internet, falar coisas e aprender, é que esse processo da gente falar: “Não, isso aqui pode estar certo ou errado” é tão saudável, a gente perdeu isso. Por isso que hoje a gente vive essa crise de cancelamento. Porque um dia alguém acreditou que as pessoas eram perfeitas e não tinham defeitos, um dia alguém acreditou que ninguém cometia erros. E aí, quando as pessoas começaram a acreditar nisso, quem estava errando, quem estava aprendendo, estava lá. Eu mesma esses dias, aprendendo, estou me conectando um pouco com a luta indígena para aprender um pouco mais sobre pessoas que são tão importantes, e “selvagem” é uma palavra que eu falo o tempo inteiro. E aí, percebi que não é uma palavra positiva, porque está ligado a etnias indígenas e a gente usa de forma pejorativa. É tudo aquilo que é atribuído ao confuso, ao bagunçado, ao intenso, ao raivoso [...]. Nossa, para mim era uma expressão [...]. E quando você para pra pensar sobre isso, meu! É muito importante e é muito fundamental que alguém fale para você: “Olha, é isso”. E é fundamental que você entenda, que a gente entenda que realmente, a gente não sabe tudo. E mesmo que a gente soubesse, hoje, as pessoas estão conversando, descobrindo coisas novas. Então a gente tem que acompanhar o movimento da vida, das discussões.

**NÁTALY NERI:** [...] é muito comum e eu não tinha essa visão, as pessoas falaram: “Nátaly, você fala tanto sobre brechó, mas no brechó não tem roupa pra gente gorda”. E quando comecei a perceber isso, falei: “Realmente, existem limites”. E não é que não tenha, mas é mais difícil, porque no brechó tem o que a indústria da moda produziu e eu como uma pessoa magra tenho facilidade em encontrar. Então começar a falar sobre brechó como única possibilidade sustentável não dá. Eu falei: “Realmente obrigada, aprendi”.

### **Sua percepção sobre a internet e o contexto atual:**

**NÁTALY NERI:** Eu estava na primeira onda do cancelamento [...]. Achando o termo bonito, achando o termo útil [...]. Mas era com pautas racistas. [...] muitos anos atrás, e acho que era sobre mostrar para as pessoas que o que elas estavam fazendo machucava, feria e violentava grupos. [...] Não era sobre eliminar a sua existência da face da terra. Era sobre você reconhecer aquilo. E as pessoas começaram a perceber que aquele discurso não era ok. Só que de repente, começou... Virou uma ode à perfeição.

**NÁTALY NERI:** Acho que as pessoas têm que trocar a palavra. Então, a gente fala sobre responsabilização. [...] Agora: “Aí, vou cancelar, porque você não falou exatamente a frase que eu queria sobre essa problemática” ou “porque você não se posicionou o suficiente no que acho que você deveria” [...].

## **APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA**

**Entrevista:** Ao vivo com Nátaly Neri

**Entrevistada:** Nátaly Neri

**Entrevistadores:** Andreza Delgado

**Podcast:** Lança a Braba

**Ano:** 2022

**Duração:** 1:17:05

A seguir serão transcritos apenas os trechos relevantes para o desenvolvimento deste artigo.

### **Desromantização da academia como decisiva para ir para a internet:**

NÁTALY NERI: Meu maior azar na vida foi ter começado a ter feito isso [trabalhado com a internet], porque eu acreditava e gostava. Estava falando hoje com a minha psicóloga sobre a relação com meu professor universitário, que a universidade destruiu a minha vida, destruiu meu espírito, que eu era triste e depressiva por causa da universidade e aí no momento que desrespeito a universidade, quebro a imagem do professor universitário. Porque eu era muito academicista, me dedicava muito, estudava muito, queria ser pesquisadora [...], ser professora universitária, e universitária, porque tinha a pompa. Quando eu quebro isso e vou para o YouTube é porque tipo: “Ah, foda-se! Vou fazer o que eu gosto”. Por isso, hoje em dia, quando as pessoas falam “blogueira”, falo “blogueira”, porque demorou tanto pra mim...: “Ah, blogueira, claro que não! Eu sou uma cientista social que, por acaso, cria um conteúdo na internet, com um bom fundo atrás... e ao mesmo tempo falo de beleza, maquiagem e looks, mas claro que eu não sou uma blogueira”. Ao mesmo tempo, porque não? Se você pode ser de diversas formas. Não sou uma blogueira, porque não tenho um blog de fato, então hoje eu seria criadora de conteúdo, acho que é o que mais cabe. Mas é muito doido, porque comecei a criar conteúdo porquê taquei o “foda-se”, simplesmente assim.

### **Missão e desejo com criação de conteúdo no início: Idealização da produção de conteúdo:**

NÁTALY NERI: [...] quando comecei a criar, comecei a criar para o YouTube. Foi minha primeira rede. Eu já postava muitas fotos no Instagram, falava de cabelo natural, que era o bafo da época. E aí, quando fui para o YouTube as coisas mudaram e tipo, acho que vários canais que abordavam questões raciais e identitárias nasceram na mesma época. [...] Veio uma galera nessa mesma época, então dá a impressão de que a gente foi, tipo, a primeira onda desse tipo de conteúdo no YouTube, mas faz muito pouco tempo que isso aconteceu.

NÁTALY NERI: Eu romantizava muito [a criação de conteúdo] e acreditava que a gente ia conseguir fazer grandes mudanças e que era sobre nós e era incrível... E aí depois entendi que eu estava num lugar de muita arrogância, tipo: “Você acredita que você sozinha vai conseguir fazer isso? Isso que os movimentos negros estão lutando há décadas para fazer? Você acha que você sozinha, fora de um movimento organizado sistemicamente, lutando por pautas materiais, de fato vai conseguir fazer isso?”.

### **Criação de conteúdo hoje:**

NÁTALY NERI: Nem todo o conteúdo que eu produzo são conteúdos que eu amo. É um conteúdo que acredito, mas não é fácil de produzir. Então nem tudo eu acho divertido falar, mas é necessário ser falado.

NÁTALY NERI: [Fazer conteúdo com cuidado] dá muito trabalho e te exige muito mais do que você imaginaria que exigiria em um primeiro momento, porque você acha que exige pesquisa, mas depois não é só pesquisa, exige um autoconhecimento. Qual o lugar que eu ocupo nesta discussão? Por que vou falar disso? O que tenho para agregar sobre isso? E se não tenho nada a agregar, de que forma vou contribuir com esse debate para aumentar o alcance dele? Mas como faço isso, de que maneira faço isso sem ferir outras pessoas, ou sem invisibilizar outras histórias e narrativas, que estão dentro disso?

NÁTALY NERI: Hoje em dia tenho uma visão mais realista. Eu acho que a gente contribui com debates que já estão postos. A gente contribui, instiga, às vezes cria algumas discussões também, não só participa. E acho que isso é interessante, acho que é sobre isso hoje em dia e tirar essa... É até um sentimento de salvadorismo. “A gente tem muito poder” e a gente tem de fato muito poder, mas aí é entender o nosso lugar nisso. Então ter um lugar de humildade do tipo: “O que posso fazer hoje e como posso fazer de uma forma responsável e ao mesmo tempo entender que sozinho não faço nada e sozinha não significo nada. É horrível falar isso, mas o contrário é: “Meu deus, sou muito foda e vou mudar o mundo”. Eu já estive nesse lugar quando era muito nova.

### **Barreira e estrutura psicológica para lidar com os temas étnico-raciais e o público:**

NÁTALY NERI: Eu falo que o meu azar é que comecei a criar conteúdo porque acreditava no meu conteúdo. Esse é meu maior azar, porque se eu não acreditasse poderia ser tão mais técnico, tão mais

rápido, tão mais automático. Eu poderia ter me afetado tanto menos, me preocupado tanto menos. Lembro que uma vez fui em um workshop de criadores de conteúdo e aí falei: “Como é que vocês fazem quando vocês postam um vídeo [...] pra não ficar desesperado achando que pode dar muito ruim, que alguma coisa muito ruim pode acontecer?”. Aí as pessoas me responderam: “Eu posto vídeo e vou fazer outro”. Eu fiquei: “Claro que você posta um vídeo e depois faz outro, porque é sobre outras coisas, né?”. Então, eu entendi em determinado momento, que para criar determinado tipo de conteúdo você vai ter que colocar uma outra energia, uma outra força nele e às vezes ela não cabe em todos os lugares, em todas as redes sociais e aí é infelizmente aceitar isso. Eu não consigo alcançar todo mundo, porque sou uma pessoa, dentro de um apartamento, com uma câmera na minha frente. Eu acho que quando a gente cria conteúdo, quando a gente tá com uma câmera na mão, um microfone, a gente vê a quantidade de pessoas engajando, conversando com a gente...

ANDREZA DELGADO: Você fala que você saiu desse momento de evangelizar Jesus e entrou nesse momento de evangelização... Eu acho que esse é o momento em que a gente se encontra e descobre nosso lugar no mundo. É um lugar tão doloroso que a gente descobre que, putz: “Eu sou uma mulher negra”. E aí, você descobre qual é o reggae de ser uma mulher negra. E aí, você se encontra ali com a dor e você quer falar para todo mundo o que tá acontecendo.

NÁTALY NERI: E nesse movimento, você se cura, mas às vezes você se fere mais, dependendo de onde você está nessa conversa. Eu não tinha estrutura psicológica nenhuma para falar sobre os temas que eu falei, tipo, em 2015, 2016. Estava falando sobre racismo, violência. Alguns anos atrás, um vídeo meu que foi muito ruim para mim psicologicamente, foi um que eu falo sobre guerra contra as drogas e o que o Dória estava fazendo na Cracolândia, em São Paulo. Eu fiz esse vídeo vomitado, porque eu estava com muita raiva. Eu lia as estatísticas e pensava no meu irmão, que tinha a mesma idade, meu irmão negro, adolescente, e aquilo me deixava desesperada. Eu entendi que eu não tinha estrutura para fazer isso. Por mais que eu passasse uma ideia e uma força e altivez, que eu ainda estava construindo de uma forma muito inicial, eu não tinha estrutura para lidar com aquilo, porque eu estava muito sozinha. Tem gente que tem, eu não tinha.

NÁTALY NERI: A maior parte das pessoas quando são muito jovens e começam na internet tão muito emocionadas. Eu digo que a gente é muito primeiro convertido nessas analogias com a igreja, porque quando você entra na igreja, tua vida muda, tudo muda. E eu também fui convertida adolescente na igreja e saí da igreja depois, então, né, a gente entende esse sentimento. [...] Eu estava na faculdade na época, então eu estava me envolvendo com os coletivos estudantis, vários coletivos acadêmicos também, que aí tem um outro recorte em que eu achava que o academicismo era um movimento e a produção intelectual era a saída e a salvação, porque eram os lugares que eu estava, era de onde eu falava e era onde eu vivia. E aí, de repente, você percebe que as coisas são muito mais complicadas quando a gente não tá se organizando coletivamente.

NÁTALY NERI: Hoje em dia, eu sei que olhar nossas feridas, expor elas na internet, cura muito a gente, mas ao mesmo tempo faz com que a gente se olhe de volta, é um espelho que reflete toda hora. Então, se doía um pouco, quando você solta: “Ah, agora não dói mais, porque eu falei”. De repente tem milhares de pessoas mandando de volta tudo aquilo e faz você olhar mais ainda para aquilo que você achava que estava resolvido.

NÁTALY NERI: Eu digo que a grande hipocrisia da minha vida é que fiz um TEDX, “A Mulata que nunca chegou”, e eu falo que não quero ser essa mulata e que eu era jovem e lutei a adolescência inteira contra essa mulata. E às vezes me pego pensando: “O que de mim era realmente a negação do estereótipo da mulata e o que arranquei que era meu”. E às vezes penso: “Será que eu não queria mesmo por um silicone? Será que eu quero por um silicone? Não, eu não quero por um silicone. Por que eu não quero por um silicone? Ah, não quero por um silicone, porque eu disse em um TEDX que eu não queria ser a mulata”. Mas pera aí, porque que eu disse? Porque naquele momento da minha vida isso era significativo para mim e hoje talvez não seja. E aí, por quê? Porque talvez hoje, individualmente falando e não coletivamente falando, eu olhe mulheres pretas, maravilhosas, sensuais e não me vejo assim, porque me infantilizo muito, porque fugi da sensualidade [...]. Às vezes me refiro a mim como uma menina, uma adolescente e isso faz parte de um processo psicológico, que foi atravessado pelas coisas que eram

sociais. Então, o que de mim era essa mulata e esse estereótipo, que eu queria negar, e o que de mim existia que ressonava nela e arranquei. Então não sei.

ANDREZA DELGADO: É isso, a gente acaba encontrando um monte de discussão, se descobrindo enquanto mulher negra e aí: “Putz, você vai ser colocada sua vida toda nesse lugar de sexualidade”. Mas eu não quero ser uma mulher sensual? Fico tendo essas brisas, porque eu também me infantilizo [...].

NÁTALY NERI: É muito doída essa relação [...] e eu sinto que isso é uma questão muito geracional também, porque vejo essas meninas mais novas, que estão na internet, estão falando, e falo: “Cara, elas tem um outro trato com as sensualidades delas, com a sexualidade também, mas com a sensualidade e elas têm consciência, talvez, mas de alguma forma isso não é tão importante para elas como foi para a gente e não que agora é: “Vamos ser todas mulatas e vamos sambar e globeleza”, claro que não.

ANDREZA DELGADO: Você tocou em um ponto muito louco, porque aí a gente começa a querer renegar coisas, que na verdade a gente só entendeu que é problemático, e é para entender que é problemático, mas você também não precisa se anular. Inclusive descobrir que gosto de unhas, agora eu faço minhas unhas, botei unha acrígel e era uma questão para mim.

NÁTALY NERI: E acho que não é questão do tipo: “Então, agora vamos todas fazer tudo o que nos negaram a vida inteira, então agora a gente quer aparecer”, sei lá, sabe aquele lugar que inverte, que é bem liberal: “Ah, então agora eu quero ser a dona de casa, já que nós mulheres negras não fomos as donas de casa, quero filho, quero limpar...”, não! Não é sobre isso, mas existe o indivíduo e existe o social, e o social interfere completamente na construção desse indivíduo, mas na internet, quando a gente tá construindo nossas individualidades, a gente tem muitos espelhos, tá todo mundo falando, que bom que está todo mundo falando, e o ponto é olhar várias, e diversas experiências, porque, quando eu comecei a criar conteúdo eu tinha uma narrativa muito unilateral, que por diversas vezes, por falta de conhecimento eu generalizei. Talvez se eu tivesse no começo a maturidade, que tenho hoje, eu ia falar: “Gente, eu estou falando isso daqui, mas pode ser o completo oposto para você”. Eu acho que isso teria trazido para mim uma paz, porque chegou em um ponto que eu preciso não só viver a minha dor, como continuar sendo a minha dor, para eu continuar me identificando com essas pessoas que também ainda estão doloridas e isso te destrói, né.

[As criadoras vão falar sobre a dificuldade de assistir conteúdos que trabalham recortes raciais e como chegou em um ponto que isso se tornou difícil psicologicamente para elas, por muitas vezes prevalecer nestes a narrativa da dor e do sofrimento]

NÁTALY NERI: Esse é o ponto, se a gente não se importasse tanto e não vivesse tanto o que a gente também trabalha e produz, a gente ia estar em outro lugar. Mas isso não é ruim, acho que é isso que faz com que tanto eu quanto você acabem se dedicando muito mais e tenha muito mais cuidado com o que a gente coloca na internet, porque importa de verdade para a gente, porque afeta de verdade a gente.

NÁTALY NERI: Hoje em dia eu mudei muito a minha linha editorial, hoje eu estou muito mais em um nicho sustentabilidade, com todas as críticas que existem a ele, porque chegou um momento em que eu não entendi mais o meu lugar dentro das outras narrativas identitárias. Estava muito dentro de mim, eu estava lutando contra dores e feridas que existiam dentro de mim e tendo que gerenciar um mundo de outras expectativas e relações que aconteciam fora, porque eu estava fomentando aquelas conversas com os meus vídeos.

NÁTALY NERI: Então eu falei: “Cara, não é só ligar uma câmera e criar”. Você consegue se você tiver estrutura, se você tiver base. É legal aí uma família que tem às vezes tratado isso, mas a gente sabe que essa não é a realidade dos pretos brasileiros, que a gente entrou na internet para cuspir, vomitar o desespero, a angústia, a dor e aí depois a gente exaurir de tanto fazer isso. No momento que a gente para e fala: “Caramba, não aguento mais”, a gente se sente culpada, eu me sinto culpada, me sinto muito mal.

NÁTALY NERI: [...] eu tentei buscar uma racionalidade nas Ciências Sociais, que na verdade me abriu para um caos epistêmico em que tudo era válido e que tudo existia e aí você olha de diferentes formas para diferentes culturas, sem esse colonialismo podre que a gente coloca em tudo, porque de repente só existe uma forma certa, só existe um jeito de viver um jeito de entender a vida, e não. E isso foi horrível, porque eu estava em um momento, teoricamente, que eu estava me redescobrando como ser, quem sou eu? [...] De repente me descobri fofa, eu nunca me vi como uma pessoa fofa, achava que eu era...

ANDREZA DELGADO: uma mulher negra

NÁTALY NERI: Exato [...]. E aí quanto mais as pessoas falavam que eu era muito fofa e muito doce mais me irritava, porque nunca fui posta nesse lugar, nem quando eu queria. E aí eu lembrava, eu adolescente, minhas tias comprando sapatinhos para minha prima branca e loira e para mim era as coisas marrons, amareladas, alaranjadas e ela era o rosa o fofinho... Se eu não era fofa para a sociedade inteira, durante toda a minha adolescência e infância, porque eu nunca fui colocada nesse lugar de doçura, do feminino, da mulher delicada, agora vocês vão falar isso? Agora que construí a minha identidade, a minha autoestima em cima da dureza, em cima da força, em cima da fala...

NÁTALY NERI: [...] hoje em dia tenho que tomar muito cuidado, porque a gente aprende que na internet as pessoas gostam de você, mas elas não te conhecem de verdade. Você pode aparecer todos os dias na internet, você pode fazer tudo o que você quiser, elas nunca vão te conhecer de verdade, porque a gente consegue editar o que a gente mostra. [...] Isso fez com que eu tivesse uma visão muito racional de que todo ódio, e isso me ajudou muito com o ódio, todo o ódio é exagerado e todo amor também, então: “Aí, eu te amo”. Calma aí, você não me ama, você gosta de mim, você se identifica com meu conteúdo e a gente pode se conhecer mais, mas infelizmente eu tenho uma relação muito racional, isso é bom, porque para a gente que não nasceu confiante o suficiente, porque faltaram referências, porque faltou estrutura, porque faltou base, porque faltou uma porção de coisas por conta das violências que a gente sofreu nesse país como mulheres negras, pretas, enfim. Isso dói em um outro lugar, porque de repente, cara eu sou legal, nossa e é a primeira vez talvez que você tenha escutado que é bonita, porque você passou a vida inteira ouvindo que você é feia. De repente você é muito legal e a gente sabe como nossas bolhas são, nas nossas bolhas a gente é muito legal, nas nossas bolhas a gente é muito inteligente, e aí você sai na rua e não é isso. Então, é legal isso, é importante a gente entender e ter esse senso de que nós temos valor, nós somos interessantes, que legal essa comunidade que a gente tá construindo, que legal que a gente possa ser representativa, por mais que essa palavra tenha milhares de limites, também. Mas ao mesmo tempo tudo é exagerado, todo ódio é exagerado e todo amor é exagerado. Então, hoje em dia eu tenho essa relação: “Que legal, vamos juntos”. Gosto do meu conteúdo, principalmente, mas as pessoas não me conhecem por inteiro, porque senão eu ia ser muito rasa, eu ia caber em alguns vídeos no YouTube e alguns outros stories.

### **Influência das igrejas quando não se há uma base:**

NÁTALY NERI: Quando eu saí da igreja só fui dando outros nomes, fui buscando o que eu acredito, fui encontrar o Divino em outros lugares, que tá em vários lugares, nem sei o que falar sobre isso, só vivo e me afasto um pouco de organizações religiosas grupais, porque elas têm um poder muito grande sob as pessoas, quando as pessoas precisam de base e eu precisava muito de base. [...] Foi a igreja que me fez imaginar que tudo tinha um propósito e o senso de propósito que a religião te traz é uma cama quentinha. [...] E quando você tá na igreja talvez você não tenha só essa comunidade que te estrutura, principalmente quando você é jovem, porque ela tem muito investimento no jovem, né, principalmente no jovem periférico, as igrejas são uma presença fundamental nesses espaços, por mais que a gente tenha milhares de críticas, e ainda mais atualmente, já que igreja e política tão andando lado a lado, e a gente sabe que Bolsonaro foi eleito fundamentalmente por conta da pressão das igrejas evangélicas em cima de vários cristãos [...], mas a gente sabe que são espaços de vulnerabilidade e a igreja que ocupa esse poder de gerenciar esse caos, de mandar uma cesta básica [...] ou de te colocar em um projeto social [...] se não fosse a igreja, por mais que ela tenha sido muito violenta, eu não teria construído um senso de comunidade, de identidade. Eu não teria arrancado uma culpa que era muito individual: “Eu sou horrível, a vida é horrível, tudo é horrível”, não: “Eu sou o xodozinho de Cristo e há um propósito em tudo o que acontece na minha vida”. [...] Eu acho muito interessante esses vídeos de como você cria um filho certo. Tem muitas mães psicólogas, que estão [...] [criando esse tipo de conteúdo]. Ver esse tipo de conteúdo é interessante, porque você percebe como você tem construído uma outra forma de ver o mundo, ver as pessoas nessas relações que são tão primordiais, quando você não tem isso a igreja desempenha esse papel, um papel muito bruto, muito violento, principalmente se você sair da regra. [...] Eu era muito disciplinada, mas aí no momento em que me entendi uma pessoa LGBT, já não cabia mais.

### **Relação com mercado, marcas e cenário capitalista:**

NÁTALY NERI: Eu gostaria de ter um trabalho mais independente [...], mas não tem estrutura, porque já estou nesse meio de publicidade, então é difícil, porque ao mesmo tempo que você sabe que isso é nocivo, isso só existe porque existe um estímulo ao consumo que é gigantesco.

NÁTALY NERI: Por isso que eu falo muito sobre “consumo consciente”, entre aspas, porque é um consumo ainda você tá falando dentro de uma sociedade capitalista em que as pessoas vão comprar [...]. Então é todo um dilema que existe dentro desse nosso meio, em que a gente morde e assopra. A gente tenta reduzir danos.

NÁTALY NERI: Se se mantém hoje comendo, vivendo é por conta da criação de conteúdo e do dinheiro que eu consegui criando conteúdo, mas é sempre essa junção, [...] chegou a um ponto que pra mim, em um determinado momento era importante receber [brindes/produtos], porque fala alguma coisa sobre mim como criadora, receber alguma coisa de uma marca muito grande, muito relevante, o que que isso fala sobre o meu conteúdo, sobre o meu lugar na internet como uma criadora de conteúdo. E aí é longe dos meus discursos, das minhas ideologias, do que eu acredito. Eu enquanto blogueira, que bota conteúdo na internet esperando um engajamento é uma devolutiva financeira disso. Isso aqui diz alguma coisa sobre o meu trabalho remunerado. [...] quando eu já estava confortável, criticar isso e negar isso também foi uma possibilidade. Então, tudo depende do lugar em que você tá. Hoje posso dizer muitos “nãos”, e eu digo muitos “nãos”, muito mais do que eu gostaria, senão minha mãe já teria uma casa, meu pai já teria uma casa, todo mundo já teria uma casa.

NÁTALY NERI: E a gente só consegue [dizer não] depois de um momento. [...] existem corpos que em outros contextos não conseguiriam a estrutura que consegue, porque de repente são ouvidos na internet, encontram uma comunidade e aí de repente decidem fazer um trabalho publicitário e no primeiro momento tão em uma situação de vulnerabilidade mesmo. E infelizmente as pessoas que mais estão nessa situação são corpos pretos, são corpos periféricos, são corpos indígenas, são pessoas que estavam às vezes buscando esse espaço e querendo essa estrutura e do nada apareceu uma oportunidade. E aí, entram todas essas contradições juntas e vira um caos. Então hoje em dia eu não julgo quem recebe recebido, não julgo quem odeia recebido, quem ama recebido. quem mostra recebido, só não quero água suja na minha casa.

NÁTALY NERI: [...] hoje as pessoas falam que o veganismo é elitista, pode ser muito, inclusive tem se tornado cada vez mais mercadológico. [...], mas eu acho que isso vem muito da crescente do veganismo, que aí não é um veganismo, é um veganismo liberal que quer fazer produto da indústria da carne, produzindo para não perder esse mercado, porque você tem uma crescente de pessoas aderindo ao movimento, de pessoas questionando seus hábitos alimentares, cosméticos, ambientais no geral. Mas quando isso começa a acontecer, no Brasil, 2018, 19, não lembro, era um ano de muito crise financeira, [...] eu peguei uma matéria em Pequenas Empresa, Grandes Negócios, em ano de crise, mercado vegano cresce 30%, cresce 40%, e a matéria era sobre essas startups, que fazem carne, e no caso estava falando sobre empresas que nasceram, porque queriam produzir alimentos ou cosméticos plant-based.

NÁTALY NERI: Naquela época, por mais que existissem empresas que estavam criando produto à base de planta, sem crueldade animal, isso estava alimentando um mercado que não existia, então era novidade. Nossa, quando nasceu essas carnes [de planta], nossa eu surtei, eu fui a vegana que fui comer todas, experimentar todas, passei mal com todas, gostei de todas, viquei em todas e passei meses para desvencilhar de todas, porque são caras.

NÁTALY NERI: Hoje em dia tem várias marcas que são legais. Na verdade, eu acho que elas ouviram tanto essas críticas de que não adianta você criar um alimento à base de plantas, que teoricamente se diz saudável para o meio ambiente, mas que destrói o corpo, não casa sabe. Eu acho que várias delas se refizeram muito, mas quando esse mercado a base de plantas começou a crescer, eu falei: “Caraca!”. Na época foi muito difícil [...] eu já não comia carne e durante esse ano trabalhando com essa empresa eu fiquei cara, não, aí eu conheci a Thallita, conheci pessoas incríveis e aí eu falei: “Não consigo”.

NÁTALY NERI: Inicialmente eu me vinculei a essa marca, porque tinha um trabalho muito legal com meninas periféricas, que era real, eles estavam colocando dinheiro em projetos sociais, que ia levar conhecimento, mentoria, uma série de coisas, em vários bairros de São Paulo, e eu achei isso incrível, mas aí esse outro lado falou: “Não, isso aqui não dá mais para você segurar”. E aí quando eu saí do armário como vegana perdi todos os meus trabalhos, porque de repente descobri que eu não podia

trabalhar com ninguém, as marcas, todo mundo testa, todo mundo é violento para caramba, todo mundo coloca a produção e o lucro acima de qualquer coisa, da dignidade humana, da dignidade animal, da soberania popular, alimentar, tudo. O capitalismo e empresa no geral.

NÁTALY NERI: Quando eu saí do armário e vi essa manchete, falei: “Caramba, o que isso significa?”. Foi dito e feito. Anos depois, vários Jobs. Até hoje digo muito “não”, porque são poucas as empresas que tão de fato ali dentro de um chek-in, que dá para trabalhar. E eu ainda trabalho com algumas empresas, tem outras pessoa que nem trabalham e super entendo também. Mas eu não trabalho com empresas que testam em animais, nem com escândalos ligados também a questões sociais, que acho que é importante a gente ter um mínimo de dignidade na internet.

NÁTALY NERI: [...] é um mercado, quando a gente tá falando do mercado que está mudando e aí ele chama atenção, porque esses produtos estão no mercado, mas veganismo não é sobre isso. Veganismo é sobre arroz, feijão, agricultura familiar, soberania alimentar, veganismo é pauta de movimento social, é parar flexibilização ambiental, é para negação de demarcação de terra.

NÁTALY NERI: Eu sei que para muita gente soa como uma pauta individualista, é sobre o eu, sobre os hábitos individuais e eu sei que quando a gente fala sobre isso na internet a gente vai por isso. Eu gosto muito de beleza, [...] falo muito sobre produtos, sobre cosméticos, e parece sim uma superficialização do tema, porque não é veganismo isso, estou indicando produtos aptos para pessoas veganas, o veganismo é o movimento, é a luta, isso é só: Vamos facilitar nosso dia a dia, continuar passando umas make que a gente gosta, já que a gente tá investindo, já que a gente consome, consumir conscientemente, entre aspas, optando por marcas que não testam em animais, pequenos produtores. Então é muito difícil hoje, até quando a gente vai buscar informação, se desviar.

NÁTALY NERI: Eu acho que é menos a culpa no indivíduo [...], eu sou totalmente contra você fazer a pessoa se sentir mal porque não conseguiu ser vegana, porque isso é a individualização máxima do movimento, não é sobre você, não é sobre mim, é sobre esse movimento que a gente cria, é sobre as vezes você virar no seu podcast e falar que dá sim para viver sem carne. É sobre criar uma nova cultura que vai mudar esse imaginário coletivo e vai mudar a importância social da carne na vida do brasileiro.

### **Internet como espaço de aprendizado:**

NÁTALY NERI: [A universidade/internet?] Foi um lugar que me descobri muito e depois fiquei com muita raiva, porque pensei que se eu não tivesse entrado na universidade, será que eu teria descoberto tudo isso? Hoje sei que eu teria, porque a internet mudou e as pessoas estão falando sobre várias coisas que a gente aprendeu lá dentro [...]. Eu lembro que discussões acerca de negritude e gênero, eu comecei a descobrir porque eu comecei a frequentar um coletivo na universidade que falava sobre isso e a partir desse coletivo descobrir um grupo no Facebook, num submundo do Facebook, e os grupos bombavam em 2015, 2014, 2013, entrei em todos, nos de cabelos, nos de transição, eu adorava os de transição e cabelo, porque eu tinha o cabelo natural e aí o povo: "Aí, quais as dicas?". E eu não sabia nada, foi um caos ter parado de alisar o cabelo, um acaso do destino, não tinha nada empoderador, mas como era a palavra do momento, quando o empoderamento ainda não era uma palavra muito usada e exaurida, vamos lá nesses grupos, mulheres, girl power, transição.

ANDREZA DELGADO: Eu também fui nessa leva. Quem me falou para parar de alisar o cabelo foi minha amiga branca, Luiza, maravilhosa.

NÁTALY NERI: E aí eu falei: “Vamos entender um pouco sobre isso [veganismo]” e aí fui em grupos do Facebook, que bombavam na época, e acabei entrando nos mais tóxicos dos grupos possíveis, em que as pessoas era violentíssimas, que julgavam, e isso acontece em todos os movimentos, mas peguei um asco especialmente de quando aconteceu no veganismo, que é você transformar uma pauta social na tua bandeirinha identitária, que você vai usar, status, você vai usar para humilhar o coleguinha, então: “Eu sou, você não é, eu sou melhor do que você, você é horrível”. [...] A primeira pessoa que eu conheci que me identifiquei muito com o discurso, que falei: “Caramba, isso aqui tem uma abordagem diferente”, foi com a Thallita Flor [...], na época ela tinha um blog, porque na época os blogs bombavam, então eu estava lá no Blogueiras Negras e descobri o dela que era, acho, Preta, Vegana e Periférica, alguma coisa assim. [...] E aí com ela eu fui conhecendo outras pessoas e outras pessoas e de repente fez sentido, sabe. De repente eu comecei entender que assim como para várias outras coisas a gente abriu mão, porque a

gente não se via e o se ver é importante em um determinado ponto, com o veganismo foi a mesma coisa, eu só odiava porque não tinha enxergado pessoas próximas de mim realizando e lutando, inclusive contra aquele discurso, que não é a maioria, mas infelizmente tinha mais espaço, porque já estava lá, tinha mais acesso e falava as merdas que queria nos grupos de Facebook.

### **Internet como espaço de ampliação da violência étnico-racial:**

[Andreza fala sobre o ódio na internet e diz que muitas vezes esteve muito mal, e foi assunto que levou para a terapia para tratar, pois entendeu que as pessoas se sentem à vontade para disseminar ódio nas redes e isso a fez pensar muitas vezes em sair das plataformas. Ela diz que entendeu que precisa se resguardar, cuidar de si mesma, pois as pessoas não vão parar, então é necessário esse cuidado, reforçar sua “casa”, sua mente. A partir do momento que entendeu isso, virou uma chave, e ela se sente melhor]

NÁTALY NERI: A gente fica menos emocionada com o amor e com os elogios, mas ao mesmo tempo a gente também tem mais estrutura para aguentar quando a porrada vem, porque senão, não tem como, porque no final do dia você é um RG, você é a Andreza, e as pessoas quando vão te atacar vão mexer na tua relação com tua família [...] e aí o que você faz com isso depois? Como é que você dorme, como é que você vive?

NÁTALY NERI: Isso é um nível de tortura e dominação que o digital tem com a gente, que é muito assustador, mas ao mesmo tempo a gente não tinha noção de que poderia ser tão intenso e perigoso. A gente tá aprendendo agora e que bom que a gente tá aprendendo e podendo falar aqui para as pessoas. Claro que a gente separa muito o ódio do crime, né? O ódio, a gente entende que existem pessoas que te odeia por você ser quem você é, por você ser uma mulher, preta, LGBTQIAP+, por você ser periférica, por você falar sobre as coisas que você fala, pelo teu tom de voz, pelo teu sotaque, pelas tuas unhas, pelas tuas tatuagens. Vai ter gente que vai odiar você por você existir de uma forma coletiva ou individual e aí a gente tem que saber separar, isso aqui é o ego, isso aqui é o discurso de ódio, porque as vezes eles se misturam muito e a forma como a gente lida com um e com outro, tinha que ser a mesma, eu botei o block como uma ação de saúde mental na minha vida. Mas no geral, hoje em dia, sou muito menos emocionada com a internet do que já fui, porque a gente apanha na vida, e aí a gente cansa. Eu vejo o povo monologando o conteúdo e fíco: “Aí, que fofo, tão feliz, tão puro”... Não tão feliz, porque a gente sabe que quando a gente tá falando de minorias sociais, nunca vai ser leve, mas as pessoas ainda não estão exaustas, que bom, que bom que as pessoas não precisaram chegar a um ponto como o seu talvez ou como o meu para começar a entender que nem tudo pode, nem tudo dá, que a gente, sim, fecha as redes sociais e desaparece, às vezes é isso que resolve, não ficar lá lutando.

[TikTok está pau a pau com o Twitter na disseminação de ódio e Andreza comenta que não sabe o que está acontecendo com os algoritmos, mas realmente está muito bizarro]

### **Sua percepção sobre a internet e o contexto atual:**

NÁTALY NERI: Eu acho que as redes estão se diferenciando muito, né? Se antes a gente só tinha o YouTube como a rede que você ganha dinheiro e se estabelecia com profissional, agora você pode fazer isso em várias, em todas as outras. [...] Eu acho muito doido as possibilidades que isso trouxe, porque aí a gente consegue encontrar os lugares em que a gente se sente confortável para criar o nosso conteúdo, mas ao mesmo tempo desperta uma ansiedade do caramba [...].

NÁTALY NERI: [...] antes o pessoal tinha ânsia por vídeos curtos, hoje em dia você tem duas redes de vídeo curtos, que são muito mais relevantes para esse formato, que é o Instagram e o TikTok. E o YouTube [...], se você for analisar, ele aumentou muito, você tem o mínimo de dez minutos que teu vídeo tem que ter, inclusive para você conseguir colocar mais anúncios, ganhar mais AdSense, coisa que não era dito antes, então o YouTube meio que assumiu esse papel de rede que fala bastante e essas novas redes surgiram e tão adaptando os formatos. O podcast, acho que é o maior ícone quando a gente fala de tempo, de dedicação ouvindo principalmente, porque você passa uma, 40 minutos, mais de uma hora às vezes [...].

NÁTALY NERI: Eu sou da época no YouTube que [...] se você não gostava de um conteúdo você fazia um vídeo resposta [...] eu fiz um conteúdo aí alguma pessoa não gosta, então ela vai criar um vídeo resposta. Só que vai demorar pelo menos uma semana para sair na plataforma, os mais rápidos faziam

tipo no mínimo dois dias, porque tinha o tempo de captação, edição, divulgação desse vídeo e ainda tinha o tempo em que o YouTube começava a sugerir os vídeos próximos, então demorava tipo, sei lá, uns três dias para pegar fogo e começar a guerra nos comentários. Hoje em dia, se você quer refutar alguma coisa, ou se você quer discutir ou dar seu ponto de vista, você faz imediatamente, da mesma forma que você cria imediatamente [...] o formato curto [...] não que ele pressupõe isso, mas ele precisa às vezes ser raso. E às vezes você tá sendo raso porque você tá resumindo, ou às vezes você tá sendo raso porque você não se importa e está sendo raso mesmo para passar aquele conteúdo. [...] hoje eu penso muito no tipo de conteúdo curto que eu produzo e não tenho coragem de falar de metade das coisas que eu julgo serem importantes nesses formatos de vídeo, porque são formatos de vídeos muito violentos, muito imediatistas, que geram reação muito exacerbadas e irritadas [...] às vezes você pode não concordar, mas o tempo de reação... e às vezes a pessoa nem assistiu um conteúdo direito, é muito complexo. É claro que no YouTube, com os vídeos longos, isso também existe. Você pode tirar uma parte de um vídeo de contexto e você pode destruir aquela parte, mas você tem a garantia de que existe uma narrativa com início, meio e fim, então se alguém quiser ir até a fonte e entender como aquilo aconteceu, tá lá, por exemplo. Eu consumo muito TikTok, é a rede que eu mais fico hoje, [...] e eu acho genial, eu acho os criadores engraçadíssimos, eu fico sabendo de trends, de coisas que estão acontecendo no mundo de uma forma muito rápida e é meio viciante.

NÁTALY NERI: [...] alguns desses conteúdos que são postados nessas plataformas curtas, eles têm um nível de superficialização e de ativação de ódio para engajar, que me assusta muito. E foi uma coisa que a gente meio que viveu no começo do YouTube, porque eu já gravei muito vídeo, tipo, putassa, quando eu estava puta que eu ligava a câmera. E funcionava, porque as pessoas se engajavam muito mais, mas hoje em dia, quando eu penso em criar conteúdo para essas plataformas curtas, tenho muito medo de não conseguir me aprofundar e é difícil mesmo, você tem que ter muitas artimanhas e um conteúdo muito perene, muito consistente durante muito tempo para as pessoas poderem terem para onde voltar e o YouTube acaba sendo a única rede que eu consigo fazer isso. Tentei fazer isso no Instagram, não dá, porque o algoritmo entrega as coisas fracionadas, então, sei lá, alguém começou uma conversa com você em um vídeo ou um post, talvez o segundo post, com a segunda parte, não chegue para a pessoa, ou talvez a forma como ela consome conteúdo lá esteja tão diluída naquele feed infinito e exaustivo com milhares de stories, que a pessoa não vai perder 10 minutos ouvindo um vídeo teu inteiro.